



MONIQUE VALGAS FERREIRA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E RYANE LEÃO:  
DAS MEMÓRIAS ÀS ESCRITAS DE SI**

CANOAS, 2022

MONIQUE VALGAS FERREIRA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E RYANE LEÃO:  
DAS MEMÓRIAS ÀS ESCRITAS DE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito para obtenção do título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Coorientadora: Dra. Tatiana Vargas Maia

CANOAS, 2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

F383c Ferreira, Monique Valgas.  
Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão [manuscrito]: das memórias às escritas de si / Monique Valgas Ferreira – 2022.  
92 f.; 30 cm.

Relatório (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2022.

“Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

“Coorientação: Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Vargas Maia.

1. Memória social. 2. Literatura - História. 3. Autobiografia. 4. Atividades de ensino. I. Rosa, Lucia Regina Lucas da. II. Maia, Tatiana Vargas. III. Título.

CDU: 316.7

MONIQUE VALGAS FERREIRA

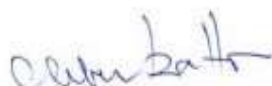
Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Luana Teixeira Porto

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Frederico Westphalen/RS



Prof. Dr. Cléber Gibbon Ratto

Universidade La Salle



Prof. Dr. Wagner dos Santos Chagas

Universidade La Salle



Prof. Dr. Tatiana Vargas Maia

Coorientadora – Universidade La Salle



Prof. Dr. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Orientadora e Presidente da Banca – Universidade La Salle

**Área de concentração:** Memória Social e Bens Culturais

**Curso:** Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 31 de março de 2022.

Dedicado às mulheres audaciosas...

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a mim, pela persistência em meio às adversidades da vida.

À minha mãe (*In memoriam*) pelo privilégio de ter sido sua filha, por me apresentar ao mundo da literatura e ser minha inspiração. Ao meu pai, minha eterna gratidão, por todo apoio financeiro, psicológico e seus cuidados, sem você esta pesquisa não teria acontecido.

Meus agradecimentos à Universidade La Salle pela bolsa institucional, que foi imprescindível para a realização do mestrado. À professora Danielle Viegas, por ter me apresentado ao mundo da pesquisa quando ainda estava na graduação. Minha imensa gratidão à minha orientadora Lúcia Regina Lucas da Rosa, que me inspira todos os dias com seu amor pela literatura, sua paciência e seu dom de ver a vida de uma forma poética. À coorientadora Tatiana Vargas Maia, por me acompanhar desde a graduação e iluminar minha trajetória com tanto conhecimento.

Meus agradecimentos à Isabel Moraes, por me fazer acreditar que tudo isso seria possível. Aos meus amigos que me apoiaram em todos os momentos e me incentivaram a persistir.

E por fim, agradeço a todos os alunos que dividiram comigo suas vivências e que possibilitaram que essa pesquisa fosse concluída. Vou seguir lutando para que histórias como a de vocês não continuem a ser apagadas.

## RESUMO

A literatura reconstrói sensibilidades, valores, pensamentos e representações dos integrantes das sociedades. Tanto o diário quanto a poesia, tal como outros meios de escritas de si, podem ser problematizados junto à realidade de alunos e alunas para a análise de temas emergentes sobre história do Brasil Contemporâneo, como gênero e violência, em perspectiva transdisciplinar. Partindo dessa perspectiva, a presente pesquisa, inserida na linha Memória e Linguagens Culturais, tem como objetivo principal criar propostas de atividades de ensino transdisciplinar voltadas às humanidades a partir de *Quarto de despejo - diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus e *Tudo nela brilha e queima* (2017), de Ryane Leão. A metodologia de pesquisa é qualitativa, pois se trata de temas subjetivos pertinentes à realidade de alunos e alunas da rede pública do município de Novo Hamburgo/RS nas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) a fim de elaborar um produto que solucionasse a seguinte problemática: “como é possível trabalhar didaticamente obras literárias que relacionam memória social e escritas de si?”. Apesar de períodos temporais distintos, as escritoras Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão encontraram, através da literatura, o meio de expressar suas vivências, anseios e cotidiano na sociedade na qual estavam inseridas. Assim, as escritoras puderam servir de inspiração para os alunos e alunas a fim de que eles pudessem compartilhar suas vivências e histórias através de fragmentos de textos autobiográficos. A base teórica para este estudo é constituída principalmente por Gomes (2004) no que se refere à memória e à biografia, Candau (2019) no que se refere à memória e identidade, Veríssimo (2001), Todorov (2009) e Rosa (2017) referentes à literatura, Duarte (2019), Curiel (2020), Hirata (2014), Akotirene (2019), Hooks (2019) no que diz respeito ao feminismo decolonial.

Palavras-chave: Memória Social; Literatura e História; Autobiografia; atividades de ensino.

## ABSTRACT

Literature reconstructs sensibilities, values, thoughts, and representations of the members of societies. Both the diary and poetry, as well as other means of self-writing, can be problematized with the reality of students for the analysis of emerging themes about the history of Contemporary Brazil, such as gender and violence, in a transdisciplinary perspective. From this perspective, the present research, inserted in the Memory and Cultural Languages line, has as its main objective to propose transdisciplinary teaching activities focused on the humanities from *Quarto de despejo - diário de uma favelada* (1960), by Carolina Maria de Jesus and *Tudo nela brilha e queima* (2017), by Ryane Leão. The research methodology is qualitative, as it deals with subjective themes relevant to the reality of students from the public network of the municipality of Novo Hamburgo/RS in the YAE (Youth and Adult Education) classes to develop a product that would solve the following problematic: “how is it possible to work didactically with literary works that relate social memory and self-writing?”. Despite different time periods, the writers Carolina Maria de Jesus and Ryane Leão found, through literature, the means of expressing their experiences, anxieties, and daily life in the society in which they were inserted. Thus, the writers could serve as inspiration for students so that they could share their experiences and stories through fragments of autobiographical texts. The theoretical basis for this study is mainly constituted by Gomes (2004) concerning memory and biography, Candau (2019) about memory and identity, Veríssimo (2001), Todorov (2009), and Rosa (2017) referring to literature, Duarte (2019), Curiel (2020), Hirata (2014), Akotirene (2019), Hooks (2019) concerning decolonial feminism.

Keywords: Social Memory; Literature and History; Autobiography; Teaching Activities.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Linha do tempo de Carolina Maria de Jesus.....	60
Imagem 2 – Linha do tempo para construção do aluno.....	63
Imagem 3 – Convite virtual para participar da oficina.....	68
Imagem 4 – Atividade fixada no quadro branco.....	71
Imagem 5 – Linha do tempo do aluno M.....	72
Imagem 6 – Linha do tempo da aluna D.....	72
Imagem 7 – Varal literário da obra <i>Tudo nela brilha e queima</i> .....	73
Imagem 8 – Relato da aluna Me.....	74
Imagem 9 – Relato da aluna I.....	74
Imagem 10 – Lousa interativa.....	75
Imagem 11 – Alunos produzindo suas cartas.....	76
Imagem 12 – Linha do tempo da aluna C.....	79
Imagem 13 – Linha do tempo da aluna L.....	80
Imagem 14 – Relato da aluna L.....	81
Imagem 15 – Relato da aluna F.....	81
Imagem 16 – Relato da aluna R., 24 anos.....	82
Imagem 17 – Relato da aluna Mc., 41 anos.....	82
Imagem 18 – Relato da aluna J, 48 anos.....	82
Imagem 19 – Carta da aluna Me, 16 anos.....	83

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisa sobre referencial teórico.....	16
Quadro 2 – Poemas da obra <i>Tudo nela brilha e queima</i> (2017) com temática de violência.....	21
Quadro 3 – Conhecimentos e habilidades extraídos da BNCC sobre a disciplina de História.....	44
Quadro 4 – Conhecimentos e habilidades extraídos da BNCC sobre a disciplina de Língua Portuguesa.....	45
Quadro 5 – Matriz FOFA.....	49
Quadro 6 – Dados utilizados no Formulário.....	51
Quadro 7 – Trechos da obra <i>Quarto de Despejo - diário de uma favelada</i> usados na oficina.....	61
Quadro 8 – Poemas da obra <i>Tudo nela brilha e queima</i> usados na oficina.....	64
Quadro 9 – Questionário desenvolvido para os alunos.....	65

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Relação de participantes.....	52
Gráfico 2 – Rede a qual pertencem.....	53
Gráfico 3 – Frequência de oficinas didáticas oferecidas nas instituições.....	53
Gráfico 4 – Relevância de entender o contexto social da escola.....	54
Gráfico 5 – Relação da literatura em sala de aula.....	54
Gráfico 6 – Frequência de realização de atividades interdisciplinares.....	55
Gráfico 7 – Utilização de livros literários como recurso didático.....	55
Gráfico 8 – Importância da literatura de autoria feminina negra.....	56
Gráfico 9 – Conhecimento das obras.....	57
Gráfico 10 – Média de encontros.....	57
Gráfico 11 – Faixa etária dos participantes da oficina (mulheres).....	77
Gráfico 12 – Faixa etária dos alunos participantes da oficina (Homens).....	77

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.1 Caracterização do tema e problema de pesquisa</b> .....	14
<b>2 PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA</b> .....	16
<b>3 REVISÃO CONCEITUAL</b> .....	18
<b>3.1 Espaços de Cultura e de Memória</b> .....	22
3.1.1 “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia”: memória social, literatura negra e ensino de história em perspectiva .....	24
<b>3.2 Literatura negra</b> .....	30
3.2.1 “Eu adoro a minha pele negra”: uma análise sobre memória social e interseccionalidade sobre a vida de Carolina Maria de Jesus .....	32
<b>3.3 Feminismo, História e Literatura</b> .....	36
<b>4 METODOLOGIA E FONTES</b> .....	41
<b>5 APRESENTAÇÃO DE PRODUTO FINAL</b> .....	43
<b>5.1 Principais conceitos</b> .....	48
<b>5.2 Público-Alvo</b> .....	48
<b>5.3 Matriz FOFA</b> .....	49
<b>5.4 Formulário Google: perspectivas sobre o uso de obras literárias como oficina pedagógica</b> .....	50
<b>5.5 Análise das informações adquiridas através do formulário</b> .....	58
<b>6 ROTEIRO OFICINA CAROLINA MARIA DE JESUS E RYANE LEÃO: DAS MEMÓRIAS ÀS ESCRITAS DE SI</b> .....	60
<b>6.1 Marketing e oficina</b> .....	67
<b>7 OFICINA: EXPERIÊNCIA E ESCRITAS</b> .....	70
<b>7.1 Adentro a escrita literária</b> .....	76
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	88

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a relação entre memória social e escritas de si e propõe a criação de atividades de ensino, planejada em uma oficina, baseada no uso de textos literários. Para isso, são utilizadas duas obras referenciais: *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, publicada originalmente em 1960 e *Tudo nela brilha e queima*, de Ryane Leão, publicada em 2017. Busca-se refletir, especialmente, sobre o uso da literatura como uma fonte para o ensino de História e humanidades em escolas públicas de Ensino para Jovens e Adultos (EJA), visto que muitas escolas são marcadas por estereótipos que podem ser desconstruídos a partir dos temas descritos. A escolha das obras analisadas ocorreu por motivos subjetivos da pesquisadora, uma fusão entre gosto pessoal e obras contemporâneas que descrevem com sensibilidade e experiências próprias questões atuais da sociedade.

A literatura, nesse sentido, serve para reconstruir as sensibilidades, os valores, os pensamentos e as representações da formação de grandes centros metropolitanos brasileiros. Tanto o diário quanto a poesia, tal como outros meios de escritas de si, podem ser problematizados junto à realidade de alunos e alunas para a análise de temas emergentes sobre história do Brasil Contemporâneo, como gênero e violência, em perspectiva transdisciplinar. Conforme Veríssimo, em *Que é literatura?* (2001), há diversas definições do que seria a literatura, dentre elas, está a definição de variedade da arte. Diferentemente das obras científicas, a literatura se diferencia pelos sentimentos despertados, sendo passíveis de interpretações, é algo contínuo e atemporal fundindo-se à arte. Segundo Todorov, em *A literatura em perigo* (2009), a literatura tem relação com as ciências humanas, visto que é uma forma de expressar o psíquico e social que o escritor vive. Ao comparar com a filosofia, o autor afirma que a literatura pode expressar as singularidades vividas, já a filosofia trata de algo mais geral. Assim a literatura se torna mais acessível ao entendimento de um grande grupo, ao passo que as teorias filosóficas são voltadas para grupos de leitores específicos. A literatura não busca a verdade, mas se pode compreender diversos contextos sociais e temporais através dela. Com os sentimentos despertados pela literatura, somos capazes de compreender e abrir horizontes para novas perspectivas. Por meio da oficina construída a partir de atividades pedagógicas, os alunos e as alunas serão convidados a realizarem escritas de seu cotidiano. Embora Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão possuam gêneros literários distintos (prosa e poesia, respectivamente), ambas as autoras, dentro de suas realidades e temporalidades, transpõem o papel social da mulher para com a sociedade.

Fui apresentada ao mundo da literatura no início de minha infância, ao ouvir histórias infantis todas as noites antes de dormir contadas pela minha mãe. Ao aprender a ler, passei a escolher livros de meu interesse, tenho muitas memórias de quando frequentava as feiras do livro de Porto Alegre com meus pais, a literatura sempre esteve presente em minha casa. No início de minha adolescência, desenvolvi o hábito de escrever diários e os escrevo até hoje, como uma forma pessoal de organizar pensamentos, guardar detalhes de momentos, desabafos. Após terminar o Ensino Médio, passei a refletir sobre qual profissão seguir, tinha por objetivo escolher uma profissão que tivesse impacto social e como filha de professora e ter presenciado a satisfação de minha mãe em alfabetizar diversas crianças, além de que sempre participei de eventos escolares nas instituições que minha mãe lecionava, ser professora não foi uma escolha difícil. Essa opção ocorreu apesar de conviver de perto com a realidade difícil enfrentada por uma professora de escolas públicas, tanto como estudar o Ensino Fundamental e Ensino Médio em uma instituição pública. A escolha se deu pelo fato de que, por vezes, o que me motiva não é o afetivo, mas o que me revolta, o que me comove, o que me tira o sono são as injustiças, os apagamentos, por não ver mulheres me representando na área das artes, da literatura, da política; não pela inexistência, mas pelo silenciamento. Resolvi aliar meu apreço pela área da educação com meu gosto pessoal pela leitura e identificação com movimentos sociais voltados às mulheres. Assim, ingressei na graduação em História – licenciatura na Universidade La Salle, me formando em 2019. Com a formação em História percebo que minha pesquisa surge de todas as minhas subjetividades e vivências que, ao escrever e pesquisar, coloco um pouco de mim. Nenhum(a) pesquisador(a) é imparcial, a história oficial possui muitos recortes, silenciamentos. Assim, a minha conexão tanto com as obras *Quarto de despejo - diário de uma favela* e *Tudo nela brilha e queima* é explicada, visto que são escritoras mulheres que utilizam suas obras para falar de temas relevantes à sociedade.

No segundo semestre do ano de 2017, na disciplina de Estágio I da Universidade La Salle, foi proposto que os estudantes do curso de História observassem algumas aulas da disciplina correlata em escolas públicas ou privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. A observação que realizei foi na Escola Estadual de Ensino Médio Bento Gonçalves, localizada no bairro Mathias Velho, cidade de Canoas/RS. Durante o estágio, deparei-me com turmas desinteressadas, que não prestavam muita atenção nas aulas. Assim, quando comecei as pesquisas referentes ao que iria desenvolver na minha proposta didática, busquei algo que pudesse ser relacionado aos conteúdos de Brasil contemporâneo com a realidade dos alunos, a fim de que pudessem se identificar como agentes históricos.

No decorrer das pesquisas, conheci a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, especificamente, o livro *Quarto de despejo - diário de uma favelada*. No ano seguinte, tornei-me parte do grupo de pesquisa coordenado pela professora Danielle Heberle Viegas, onde pude aprofundar pesquisas sobre o referido tema. Participei de eventos nos quais apresentei minha proposta e o seu desenvolvimento. No ano de 2019, recebi o Prêmio Destaque na exposição do pôster no evento *V Sociology of Law*, promovido pelos Programas de Pós-graduação da Universidade La Salle e o prêmio de Menção Honrosa na *XV Semana Científica Unilasalle – SEFIC*. Por fim, as indagações que surgiram durante a pesquisa tornaram-se base para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso intitulado “*Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia*” *Práticas de ensino na Região Metropolitana de Porto Alegre baseado no livro Quarto de despejo - diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, pela Editora Ática.

Nesse sentido, este trabalho é a continuidade de estudos já iniciados que buscam explorar as potencialidades que a literatura apresenta quando explorada do ponto de vista da memória social e como um recurso didático.

### **1.1 Caracterização do tema e problema de pesquisa**

Carolina Maria de Jesus é mulher, negra e favelada, nasceu em 1914 e faleceu em 1977. Saiu do interior de Minas Gerais da cidade de Sacramento onde nasceu para mudar-se para São Paulo, assim como outros migrantes, viu na cidade que estava sendo industrializada um meio de sair da miséria. Tornou-se moradora da favela do Canindé, que se localizava às margens do rio Tietê. No livro *Quarto de despejo*, publicado pela primeira vez em 1960, Carolina descreveu seu cotidiano e pensamentos relacionados a sua condição de mulher pobre, em meio à dinâmica da urbanização e industrialização da cidade de São Paulo na metade do século XX. (CASTRO; MACHADO, 2007).

Além da obra da escritora Carolina Maria de Jesus, a proposta terá como base uma obra de Ryane Leão. Nascida em 1989, mulher, negra, lésbica, cuiabana, foi criada somente pela mãe e tem uma irmã. Professora, formada em Letras pela UNIFESP, hoje reside em São Paulo. Trabalhou com oficinas de escrita criativa para mulheres e tem uma escola em São Paulo, Odara - English School for Black Girls, que ensina inglês voltado para mulheres negras e possui mensalidades populares. Ryane escreve suas poesias há mais de dez anos, inicialmente colando lambe-lambe pelos muros da cidade. As redes sociais foram uma ferramenta para a divulgação do projeto intitulado por *Onde jazz meu coração*, no qual divulga suas poesias. Devido à grande

repercussão que teve seu primeiro livro *Tudo nela brilha e queima*, publicado em 2017, sua outra obra intitulada *Jamais peço desculpas por me derramar* foi publicada em 2019. Ambos os livros retratam temas como violência, mulher, racismo e amor próprio através da poesia.

A primeira escritora em estudo, Carolina Maria de Jesus, escreveu sua obra *Quarto de despejo - diário de uma favelada* em meados de 1950 e possui o gênero literário a prosa autobiográfica. Já Ryane Leão lançou sua obra *Tudo nela brilha e queima* em 2017 e tem como gênero literário a poesia. Ambas são mulheres, negras, mesmo com gêneros literários distintos, denunciam problemas sociais, tais como: violência, racismo, gênero, urbanização, entre outros. Através de suas escritas buscam seu próprio empoderamento e independência servindo de inspiração para alunos e alunas que irão participar da oficina.

Nesses termos, o problema de pesquisa proposto é o seguinte: **como é possível trabalhar didaticamente obras literárias que relacionam memória social e escritas de si?** Para cumprir tal demanda, o objetivo geral é criar propostas de atividades de ensino transdisciplinar voltada às humanidades a partir de *Quarto de despejo - diário de uma favelada* (1960) e *Tudo nela brilha e queima* (2017). Assim, também proponho os seguintes objetivos específicos:

a) Analisar as obras literárias a partir dos temas mais relevantes, tais como: gênero, violência, pobreza, migrações, tendo em vista suas especificidades temáticas, temporais e estilísticas.

b) Problematizar os temas mais recorrentes nas obras literárias a partir da perspectiva da memória social e suas intersecções, como memória e esquecimento, memória e biografia e memórias traumáticas.

c) Diversificar métodos e assuntos de oficinas de ensino no campo das humanidades.



## 2 PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA

Para fundamentar a pesquisa, a fim de apresentar o estado da arte conforme a temática escolhida, foram consultadas as bases de dados *CAPES* e *Scielo*. A partir dos descritores “Carolina Maria de Jesus”, “Ryane Leão”, “Atividades pedagógicas”, “literatura e história”, “violência e gênero”, com o recorte temporário de 2016 a 2021, visto que o objetivo é buscar perspectivas que harmonizem com o contexto social atual.

Quadro 1 – Pesquisa sobre referencial teórico

Pesquisa sobre referencial teórico		
Base de dados	Palavras-chave	Principais referências encontradas
Scielo	Carolina Maria de Jesus	84
	Ryane Leão	0
	Atividades pedagógicas	228
	Literatura e História	2941
	Violência e Gênero	1888
CAPES	Carolina Maria de Jesus	390282
	Ryane Leão	1756
	Atividades pedagógicas	46394
	Literatura e História	388354
	Violência e Gênero	388337

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A busca de dados é de suma importância para a pesquisa a fim de nos situarmos no contexto estudado. No processo foi identificado que referente ao descritor “Ryane Leão” na plataforma *Scielo* não foi obtido nenhum resultado na busca. Ao que se refere à plataforma *CAPES*, apesar de apontar 1756 resultados, nenhum está relacionado à escritora Ryane Leão ou suas obras. Assim, foram selecionadas oito produções acadêmicas que corroboram para a pesquisa. Dentre eles está a tese de doutorado de Fabiana Souza Valadão De Castro Macena intitulada *Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector: representações do feminino na literatura brasileira contemporânea* (2017), disponibilizada na plataforma *CAPES*, em que as escritoras, a partir de seus gêneros literários e perspectivas de vida distintas, utilizaram a

literatura para a emancipação feminina e mostraram de que forma está representada a mulher dentro de suas literaturas. Outra pesquisa selecionada na plataforma *CAPES* foi a dissertação de mestrado: *Leitura crítica e formação do aluno leitor na contemporaneidade* (2016), escrito por Tania Maria dos Santos. A dissertação descreve sobre como, de forma transdisciplinar, os professores do Ensino Fundamental criaram métodos a fim de desenvolver nos alunos a criticidade em relação às leituras propostas. Em relação à plataforma *Scielo*, foi selecionado o artigo *Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte* (2020), escrito por Atilio Bergamini, composto por uma análise sobre a possível perspectiva da escritora Carolina e aspectos que evidenciam isso, quando passa a escrever seu diário com o intuito de publicá-lo. Outro artigo selecionado foi *O "lugar de fala" e as "falas do lugar" na enunciação literária: o dilema pós-colonial* (2021), escrito por Marcelo Brandão Mattos; o artigo é uma análise sobre a temática de estudos culturais relacionando a literatura, com a abordagem teórica dos conceitos de sociologia e teorias pós-coloniais.

### 3 REVISÃO CONCEITUAL

No presente projeto de pesquisa, foram elencadas quatro intersecções do campo de estudo da memória social como primordiais para a discussão teórica do tema desta pesquisa, que são: memória multidirecional, memória e esquecimento, memórias traumáticas/sensíveis e, finalmente, memória e biografia.

A relação entre memória e biografia é abordada pelo viés de Angela de Castro Gomes, que agrega aportes para essa proposta ao teorizar sobre a importância dos diários, das biografias e das cartas como fontes históricas para a inserção das pessoas ditas comuns na escrita e no ensino de história.

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de serem lembradas. (GOMES, 2004, p. 11).

Quanto ao ensino, há gêneros de escrita que propiciam propostas mais específicas com abordagens incidentes sobre a vida pessoal, que podem ser pensadas a partir de estudos sobre memória e identidade. Isso vai ao encontro do que afirma Joël Candau (2019, p. 19), ao citar o quão a memória e identidade estão interligadas:

De fato, memória e identidade, se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente.

O viés da memória e esquecimento é estudado de forma a trazer à tona textos e autores/autoras que não estão no cânone da literatura. Assim, não estando ainda consagrados pelos críticos, deixam de ser conhecidos e comercializados, fazendo com que caiam no abandono de sua criação. Muitas vezes, os materiais de ensino básico oficiais ratificam tal posição, não oportunizando que autores/autoras novos entrem no universo escolar, tornando-se mais conhecido e estudado. Muitos deles podem ser relacionados ao que Michael Pollak em seu artigo *Memória, esquecimento, silêncio* (1989) chamou de memórias subterrâneas, que são comumente relacionadas àqueles que não se encontram nas memórias oficiais ou são de certa forma oprimidas pelo Estado que tem papel fundamental relacionado aos silenciamentos desencadeados em processos de desigualdade social e de gênero. Segundo o autor:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à posição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLAK, 1989, p. 5).

Essas questões de memória estão vinculadas a relações de prestígio que escritores/escritoras e seus respectivos textos alcançam, sendo mais divulgados e utilizados como material didático. Conforme Almeida (2017, p. 174): “tanto quanto lembrar ou fixar na memória, o esquecimento é salutar. Prática decisiva, forjada com maestria pelo próprio cérebro mesclada a influências externas. O esquecimento brinca com o lado ardiloso do inconsciente, para manter coerência de pensamentos”. Tais silenciamentos podem ser relacionados à forma como essas memórias sensíveis e traumáticas são expostas. Um exemplo é a obra *Quarto de despejo - diário de uma favelada*. A obra foi escrita em pedaços de papéis que a própria autora catava na rua e revela as violências presenciadas e descritas com detalhes, suas dificuldades em escrever e as críticas que recebia ao fazê-lo. Há de se compreender que o ato de escrever se tornou uma ferramenta para problematizar a realidade insalubre vivida às margens do rio Tietê. O diário foi uma maneira de tentar compreender-se a si mesma e o que a personagem vivia, uma maneira de traçar registros de época, de sua vida, sua família, seu trabalho e da favela onde morava. Sua escrita pressupõe os fatos em si, descritos ou narrados sem sequência hierárquica, apenas o registro feito para dar conta do momento, do sentimento e do que acontece cotidianamente. O diário carrega em si peculiaridades próprias da vida comum de quem registra os acontecimentos.

Sua linguagem é, normalmente, utilizada no presente - que se torna passado à medida que o texto se distancia do tempo da escrita. Possui ligação estreita com a biografia, a autobiografia e as memórias ou confissões por se tratar de relatos pessoais e registros de cenas cotidianas, porém, diferencia-se por revelar interesse em somente fazer registros de cenas, valorizando mais os detalhes que a essência de significados. (ROSA, 2017, p. 95).

As memórias traumáticas estão interligadas aos silenciamentos, como no caso das minorias dentro do contexto social brasileiro relacionado às questões de gênero. O trauma vivido pode deixar marcas físicas ou psicológicas. Como cita Accorci e Corcini “com o processo de rememoração tais experiências poderiam ser trabalhadas de forma a produzirem comportamentos conscientes”. (ACCORCI; CORCINI, 2017, p. 307). Como no caso de Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão, os silenciamentos e os traumas sofridos foram expostos através da literatura.

O surgimento dos grandes centros urbanos no Brasil evidenciaram as desigualdades sociais ao mesmo tempo em que silenciavam todos os que viviam à margem. A autora Carolina relata em sua obra em 19 de maio de 1958: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos<sup>1</sup>, almofadas de sitim”. (JESUS, 2014, p. 37). Pesavento ilustra essa composição das cidades em sua obra *Uma outra cidade*, onde os excluídos são silenciados e não possuem memória dentro da composição das cidades.

A cidade que se estrutura e constrói não faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução dos serviços públicos, intervindo no espaço. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereotipia fixada por imagens e palavras que lhes dá sentido preciso. Os chamados *indesejáveis*, *perigosos*, *turbulentos*, *marginais* podem ser rechaçados e combatidos como o inimigo interno, ou, pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. Esses excluídos, não-cidadãos, formam os *selvagens*, ou *bárbaros de dentro*. (PESAVENTO, 2001, p. 12-13).

O processo de esquecimento pode ser relacionado a alguns fatores além do trauma. Em relação a essa pesquisa também há o papel do Estado em negar o direito do negro e da mulher a sua própria memória. A literatura, além de ser um refúgio pessoal, é uma das formas de se manter a memória viva com registros que não fiquem à espera da aprovação do Estado. É um meio de se posicionar socialmente e gerar registros ditos não oficiais, mas de suma importância para o contexto histórico, uma resistência. Assim como Assmann (2011, p. 26) menciona:

Chama a atenção o fato de que a arte começa a se ocupar mais fortemente da memória justamente no momento em que a sociedade faz pressão para que a memória se perca ou seja apagada. Nesse contexto a memória artística não funciona como armazenador, mas estimula os armazenadores, ao tematizar os processos de lembrar e esquecer.

Finalmente, o conceito da Memória Multidirecional se mostrou importante, pois esse conceito é novo e mais utilizado na Europa para tratar de memórias traumáticas, além de o autor original do termo ser alemão, fato importante pois muitos estudos dentro do campo das memórias traumáticas tratam sobre os judeus. Utilizar esse conceito é um meio profícuo para compreender as memórias de um grupo que são relacionadas à violência e a traumas, buscando horizonte de justiça. O conceito tem um caráter transdisciplinar dentro das discussões de memória e é voltado à questão memorial dentro da América Latina. A memória multidirecional traz uma nova abordagem a diversos passados violentos, como por exemplo, os que têm

---

<sup>1</sup> A autora utiliza em sua obra a língua oral e não a língua padrão. Isso não é considerado erro e sim, estilo literário valorizando a oralidade e autenticidade da autora.

decorrência de conflitos políticos e ditaduras (PASCUTI, 2017). No caso desta pesquisa, constatar a existência e significados dessa memória é importante considerando que os principais temas presentes nas obras literárias são: gênero e violência.

Quadro 2 – Poemas da obra *Tudo nela brilha e queima* (2017) com temática de violência

Página	Poemas com temática de violência
P.17	não romantize o que te rasga o peito.
P.18	você me bagunça inteira e depois me parte num pedido de desculpas  parece uma competição de qual impulso teu vai me destruir primeiro
P.88	ele me deixou uma carta dizendo que os livros da minha estante não se importavam comigo sentí tanta raiva que agora escrevo pra que mulheres saibam que essas palavras jamais a deixarão
P.93	me deixa perder a cabeça e ferver em ódio e reclamar desse mundo tão ridículo pras mulheres e gritar sobre as vezes em que tive que trocar de roupa pra evitar que invadissem meu corpo e que sete horas da noite já é perigoso pra voltar pra casa e que nos tratam como se estivéssemos em exposição em praça pública e nos fazem brigar entre nós por um padrão que esmaga a todas e como é possível existir um crime que se diz passional e uma série de assédios e estupros impossível ser normal  me deixa enfurecer e convocar o motim
P.104	o sentimento mais confuso depois do abuso é a saudade  mas saiba que sentir falta não determina nada somente que somos de carne e osso
P.130	que ideia mais estúpida achar que é melhor sentir dor a não sentir nada  elevamos o sentir a níveis tão errados que preferimos atear fogo em nós mesmas

	a conviver com nossos vazios
P.131	por que você tentou tirar de mim a força que tanto admirava?
P.149	não foi dessa vez ele pretendia confinar ela pretendia viver.
P.162	se você acha que o amor não deve machucar você está certa  para tudo que destrói e é violento damos o nome de abuso
P.173	a grande discussão dos homens decidindo se mulheres devem ou não ter filhos  como é ter banca pra falar de um corpo que nem é seu
P.177	antes de se afundar novamente no que já passou se lembre do porquê de ter ido embora

Fonte: Elaborado pela autora, (2021).

### 3.1 Espaços de Cultura e de Memória<sup>2</sup>

O diário, tal como outros meios de escritas de si, pode ser problematizado junto à realidade de alunos e alunas para o estudo de temas emergentes sobre história do Brasil Contemporâneo, como gênero e violência, em perspectiva transdisciplinar.

Apesar de períodos temporais distintos, as escritoras Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão encontraram, através da literatura, o meio de expressar suas vivências, anseios e cotidiano na sociedade na qual estavam inseridas. Escreveram sobre o papel da mulher negra e uma das formas que encontram de alcançar e ser visibilizadas em outras camadas sociais foi por intermédio da escrita. Assim se pode compreender não somente a história de vida dessas

<sup>2</sup> Conforme Assmann, mesmo que os locais não sejam sujeitos possuem memória iminente, pois há interação com o indivíduo. Essas recordações podem se relacionar com objetos, nesse caso os locais físicos, criando assim uma simbologia. (2011, p. 317-318).

mulheres, mas toda a sociedade que as cerca. Essas análises corroboram para a construção do produto final que se trata de duas oficinas didáticas baseadas nas obras citadas.

Carolina (2014, p. 54) escreve em seu diário em 7 de junho de 1958.

[...] nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.

Não é um relato somente sobre o local físico, mas sim da posição que os moradores daquele lugar possuem, estereótipos, situação financeira, entre outros. Em relação à memória coletiva e ao espaço, segundo Halbwachs (1990), o lugar e o grupo estão interligados, o espaço ocupado por esse grupo reflete a sua estrutura de vida influenciando, assim, no meio material. Não seria possível lembrar sem essa interação entre o espaço e as pessoas que interagem nele.

Ryane (2017, p. 71) em sua obra *Tudo nela brilha e queima*, em um de seus poemas evidência o quanto as memórias são importantes na sua construção como mulher.

Minha vó sentou à mesa num natal  
com seus oitenta e poucos anos  
e disse que éramos uma família  
de mulheres poderosas  
que ninguém podia nos derrubar  
mas quando eu saía na rua  
o mundo não parecia concordar  
eles não sabem  
que sou feita de revolta e garra  
que minha mãe cuidou sozinha  
de duas filhas  
sem grana nenhuma  
num bairro afastado  
e que a herança que trago disso  
me faz gigante  
resistente  
indelével

A partir das reflexões do poema, é possível compreender a suma importância de fazer esse recorte para analisar a relação entre espaços e memória, pois assim é possível desenvolver as atividades. Com o intuito de utilizar de forma profícua o entendimento acerca dos locais e contextos sociais nos quais os alunos participantes das oficinas estão inseridos. Pretende-se fazer com que eles também possam compreender a forma nas quais estão inseridos dentro da sociedade com o objetivo de se identificarem como sujeitos históricos. Este trabalho já suscitou publicações, duas delas estão apresentadas a seguir.



3.1.1 “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia”: memória social, literatura negra e ensino de história em perspectiva<sup>3</sup>

O livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada* é composto pela escrita original do diário de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A autora, que foi moradora da favela do Canindé/SP, se tornou um ícone do que é chamado, na contemporaneidade, de literatura negra (Pereira, 2016). Com base na referida obra, este texto versa sobre o uso da literatura negra como uma fonte para o ensino das humanidades, a partir de experiências que vêm sendo desenvolvidas em escolas públicas de ensino médio da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) desde o ano de 2017. Compreende-se essa região como um território privilegiado de análise, visto que a memória social dessas cidades da RMPA é marcada por temas-chave que podem ser problematizados a partir dos trechos descritos na obra, tais como gênero, violência e pobreza, em grande medida percebidos em todas as regiões metropolitanas brasileiras. Considerando-se a história da literatura brasileira, percebe-se que houve a tradição de privilegiar o registro de textos escritos por homens brancos; a partir de Machado de Assis, começa a haver mais espaço para negros. Porém, os textos escritos por mulheres têm sua marca a partir de Rachel de Queiroz no período do Romance de 30. Nesses termos, a literatura negra no Brasil começa seus estudos a partir de polêmicas quanto à sua denominação, preferindo grande parte dos autores o uso do termo literatura afro-brasileira, a fim de reafirmar o caráter identitário de uma literatura brasileira que mantém vínculo com a africanidade. Segundo Rodrigo da Rosa Pereira (2016), essa literatura começou a ter mais divulgação com a publicação dos *Cadernos negros*, em 1978, reafirmando a identidade afrocultural do Brasil. O autor destaca as publicações de Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves como as mais representativas pelo fato de essas autoras participarem com mais frequência dessas publicações e também por continuarem publicando de forma individualizada. Conforme Pereira (2016, p. 20):

[...] acreditamos estar diante de um processo de produção de um discurso literário afirmativo de identidades culturais afro-brasileiras femininas que se coloca como uma espécie de contranarrativa da histórica representação negativa acerca das mulheres afro-brasileiras e conseqüentemente da ideia de afrodescendência na literatura brasileira.

---

<sup>3</sup> Artigo completo no prelo pela editora Paco.

O autor reitera a necessidade de se assumir uma literatura que narre e discuta temas próprios da realidade brasileira considerando o negro como elemento fundamental na constituição social. Nesse estudo, as três escritoras negras em análise escrevem como sujeitos históricos de seus textos, à frente da mudança de perspectiva da submissão para o protagonismo no fazer literário brasileiro. Ao discutir o cânone, o autor critica o gosto pessoal sendo levado em consideração em detrimento da qualidade estética. Tal produção de identidades culturais na literatura garante o lugar na arte e na linguagem de resistência contra preconceitos vividos por muito tempo no país. A visibilização e valorização de tais autoras engajadas em temas emergentes da literatura trazem à tona a necessidade de mais estudos e publicações sobre o tema a fim de renovar os estudos literários. Diante das polêmicas acerca de o que considerar em um texto literário para que seja compreendido como literatura negra ou afro-brasileira, estão os seguintes elementos: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público (PEREIRA, 2016). Assim, a temática revela o pertencimento, menciona a história do povo negro na diáspora brasileira; a autoria e o ponto de vista dão autenticidade ao discurso; a linguagem revela aspectos estéticos e culturais, políticos e ideológicos; por fim, o público garante a recepção da publicação, tornando-se o escritor um porta-voz da sua comunidade. Atualmente, a autora Carolina Maria de Jesus, com o seu livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, tem alcançado considerável público leitor e crítica cada vez mais interessada na sua escrita; livro com publicação anterior a *Cadernos negros* passou despercebido durante alguns anos no estudo da literatura brasileira, assim como *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859. Os temas abordados por Carolina revelam não somente partes de sua biografia, mas um modo de vida no qual muitas pessoas se identificam. Sendo um diário, é possível acompanhar um cotidiano de dificuldades de um país cada vez mais desigual socialmente, por meio das escritas de si. O diário, tal como outros modos de escrita de si, pode ser criado e pensado por alunos e alunas com vistas à problematização de temas emergentes sobre história do Brasil contemporâneo em perspectiva transdisciplinar.

Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914 na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, teve uma infância cercada pela miséria. Mulher, negra, desde sua tenra idade era criticada pela sua personalidade e pela forma de encarar a vida. Estudou somente até o segundo ano do ensino fundamental, tendo aprendido a ler e a escrever. Devido à miséria, começou a trabalhar muito jovem e trocou de emprego diversas vezes. Porém, após aprender a ler, apaixonou-se pelos livros, que se tornaram parte de sua vida, sendo sempre citados em suas escritas. Mudou-se para São Paulo em meados de 1937, acreditando que então poderia ter uma vida melhor. Devido à falta de condições financeiras, logo se tornou moradora da favela do

Canindé, localizada às margens do Rio Tietê, mantendo o sonho de tornar-se escritora. Enquanto morava na favela, em meados da década de 1950 começou a escrever com os papéis que catava na rua. Enviava frequentemente suas escritas para editoras, mas não obtinha respostas positivas. Morando ainda na favela, viu seu primeiro livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, composto por suas escritas originais, ser publicado em 19 de agosto de 1960 com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, que conheceu enquanto fazia uma reportagem. O livro teve um grande sucesso de vendas e uma sessão de autógrafos movimentada. A obra é composta pela escrita original da autora e compreende o período entre quinze de julho de 1955 a primeiro de janeiro de 1960 e foi traduzida para treze idiomas, contrapondo os estereótipos da sociedade da época sobre uma favelada. Com o sucesso das vendas de seu livro, ela viajou para diversos lugares dando autógrafos, além de comprar uma casa própria de alvenaria em um bairro de classe média em São Paulo, algo com que sonhou durante toda a vida. Carolina e seus filhos depararam-se com uma vida totalmente diferente: “Se, por um lado, é a concretização do sonho, por outro o peso da realidade se impõe. A vizinhança não os acolhe bem e queixa-se de que as crianças são mal-educadas” (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 73). Ela, então, questiona e afirma o seu papel social ao mesmo tempo, visto que:

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher espera-se que seja submissa, mas não é. Semi-analfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora. Foi rapidamente esquecida e sua obra, que incomodou pelo conteúdo e pela forma, permanece em grande parte inédita. A sociedade preferia não saber da miséria, do sofrimento e da injustiça. (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 77).

Em meados de 1961, ela lançou seu segundo livro intitulado *Casa de alvenaria*. Nesse momento, já possuía muitas dívidas, mas continuou fazendo algumas viagens internacionais. O dinheiro que Carolina recebia dos direitos autorais não era suficiente para o seu sustento e de seus filhos. Ela já havia comprado um terreno em Palheiros e decidiu mudar para lá, mesmo com a obra inacabada: “Colheu tomates, temperou a carne, fritou toucinho e fez uma sopa de macarrão. Começou a viver o seu sonho rural, solução que tantas vezes pregara para os pobres do país” (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 94). A mudança e a adaptação para seus filhos foi difícil, já que não estavam acostumados a viver longe de vizinhos e do movimento da cidade. A saúde de Carolina tornou-se mais frágil, tendo logo sofrido um derrame. Passou seus últimos dias na casa do filho, José Carlos. Faleceu em 13 de fevereiro de 1977, devido a um ataque de bronquite asmática. Diante de uma biografia repleta de lutas diárias pela sobrevivência, sua

obra foi escolhida como referência de proposta didática, não somente por seu conteúdo, mas também pelo vigor que a linguagem traz às situações vivenciadas.

A proposta didática desenvolvida a partir do livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada* diz respeito à elaboração e aplicação de oficinas realizadas em duas escolas públicas da Região Metropolitana de Porto Alegre voltadas ao estudo de temas tais como: migrações, urbanização, violência e gênero no Brasil. A proposta didática teve como meta desenvolver a relação do passado com o presente e a realidade dos alunos e alunas e poderá ser aplicada por qualquer disciplina relacionada à grande área das humanidades, como a História, a Literatura e a Sociologia. Conforme Pinsky e Pinsky (2018, p. 24):

Compromisso com o passado não significa estudar o passado pelo passado, apaixonar-se pelo objeto de pesquisa por ser a nossa pesquisa, sem pensar no que a humanidade pode ser beneficiada com isso. Compromisso com o passado é pesquisar com seriedade, basear-se nos fatos históricos, não distorcer o acontecido, como se fosse uma massa amorfa à disposição da fantasia de seu manipulador. Sem respeito ao acontecido a História vira ficção. Interpretar não pode ser confundido com inventar.

Metodologicamente, o projeto aplicado foi de cunho social, sendo que as variedades e os conflitos das relações humanas estão incluídos no total dos problemas enfocados pela pesquisa social (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 4-5). A abordagem escolhida foi qualitativa, buscando compreender os significados, os valores e as relações através de aspectos que não podem ser quantificados. Quanto à natureza, a pesquisa foi aplicada, pois gerou produções realizadas pelos alunos e alunas participantes das oficinas. Em termos de objetivos, tratou-se de uma investigação que, por meio dos relatos desenvolvidos durante as oficinas didáticas, dedicou-se a analisar algumas especificidades dos participantes. Nesse sentido, a pesquisa como um todo teve caráter transdisciplinar, visto que mobilizou conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento. As oficinas aplicadas consistiram nas seguintes etapas:

- 1) exposição sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus;
- 2) apresentação da obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, a partir de uma dinâmica que envolve a leitura de trechos selecionados do livro, entregue aos alunos;
- 3) debate sobre a obra e sobre os trechos selecionados;
- 4) desenvolvimento de linhas do tempo biográficas dos alunos e alunas;
- 5) debate coletivo sobre a relação do cotidiano dos alunos com os temas presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A primeira proposta foi aplicada em 2017 na Escola Estadual de Ensino Médio Bento Gonçalves, localizada na cidade de Canoas/RS, tendo como público-alvo as turmas de segundo

e terceiro ano do ensino médio. Não havia grande variedade de faixa etária dentre os alunos e alunas. A partir das quarenta horas de observação, por conta da disciplina de Estágio I, foi identificado o desinteresse dos alunos sobre a disciplina de História e o projeto foi aplicado nas turmas 208 e 307. Inicialmente, os alunos foram indagados sobre a disciplina de História e seus prévios conhecimentos referentes aos conceitos da disciplina como, por exemplo, o que são materiais e imateriais, entre outros. Foi utilizado o quadro para reproduzir a linha do tempo da escritora Carolina e contar a sua história, sendo que nenhum aluno conhecia a obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. Em seguida, foi entregue um trecho impresso do livro para cada aluno a fim de que tivessem contato com a escrita original da obra, sendo realizada, por fim, uma linha do tempo da vida de cada aluno e aluna, utilizando o exemplo da vida da escritora. O projeto teve um retorno positivo, pois os alunos e alunas realizaram a atividade e compartilharam algumas de suas memórias entre si, o que possibilitou uma interessante porta de acesso para a abordagem de temas da história do Brasil contemporâneo. Já em outubro de 2019, o projeto foi aplicado junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental João Antônio Satte, instituição que possui também a EJA (Educação para Jovens e Adultos), vinculada à rede pública na cidade de Porto Alegre/RS. Durante todo o mês de novembro daquele ano, a escola recebeu convidados que tivessem trabalhos e pesquisas relacionados a personalidades negras. Assim, foi apresentada por meio de *Power Point* a linha do tempo da Carolina Maria de Jesus para cerca de quarenta alunos de diversas faixas etárias. Iniciou-se ressaltando a importância das escritas de si, e como somos agentes históricos e de que forma as histórias individuais compõem a sociedade como um todo. Posteriormente, a história de vida de Carolina foi relatada e todos receberam uma citação do livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, a partir das quais puderam ter acesso à escrita original da autora. As turmas foram convidadas a ler em voz alta o seu trecho para os demais colegas. Houve um retorno profícuo, pois, durante a explanação referente à Carolina, ficou evidente que a maioria se mostrou interessada e outros alunos se propuseram a ler o trecho que receberam. Tendo em vista o tamanho da sala e a quantidade de alunos, fomos para o pátio para que pudessem desenvolver suas linhas do tempo, como proposto no roteiro da oficina. A partir dos materiais criados pelos alunos, pode-se inferir a interação estimulada a partir de suas próprias escritas, nas quais relataram temas que podem ser correlacionados com o livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, como violência, migração, entre outros. Desta forma, foi possível relacionar a oficina com a unidade temática da BNCC, notavelmente o item “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX” e as habilidades de “Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que

vive” (BRASIL, 2018, p. 429). Durante a execução da oficina, uma aluna relatou que a vida de Carolina parecia com a história dela sendo uma mulher comum. Assim, foi notável que muitos alunos compreenderam as mazelas que Carolina sofreu ao longo da vida, pois eles próprios também vivenciaram situações semelhantes. O projeto, desta forma, pode ser relacionado com outra habilidade proposta a ser desenvolvida pela BNCC, chamada “Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil” (BRASIL, 2018, p. 429).

Após a aplicação da oficina os resultados indicaram a emergência da relação entre literatura e história de forma transdisciplinar, mas também, da memória social, notoriamente, dos conceitos de esquecimento e memória multidirecional. Conforme Almeida (2017, p. 174):

Tanto quanto lembrar ou fixar na memória, o esquecimento é salutar. Prática decisiva, forjada com maestria pelo próprio cérebro mesclada a influências externas. O esquecimento brinca com o lado ardiloso do inconsciente, para manter coerência de pensamentos.

Tais silenciamentos podem ser relacionados à forma com que essas memórias sensíveis e traumáticas são expostas. Um exemplo é a obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. A obra foi escrita em pedaços de papéis que a própria autora catava na rua. As violências presenciadas são descritas com detalhes, suas dificuldades em escrever e as críticas que recebia ao fazê-lo. Há de se compreender que o ato de escrever se tornou uma ferramenta para problematizar a realidade insalubre vivida às margens do Rio Tietê. O surgimento dos grandes centros urbanos no Brasil evidenciou as desigualdades sociais ao mesmo tempo em que silenciava todos os que viviam à margem.

Outras mulheres também marcaram a literatura, como Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira mulher negra escritora do Brasil. Autora do livro *Úrsula*, publicado em 1958, retrata em forma de romance e denuncia as injustiças cometidas aos africanos e afrodescendentes. Na contemporaneidade, Grada Kilomba traz suas vivências no livro *Memórias de plantação*, publicado em 2008. Nesse contexto, a obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* é uma ferramenta profícua para ser utilizada em sala de aula, valendo-se da transdisciplinaridade, unindo a literatura com a História, o que pode aproximar os conteúdos de Brasil contemporâneo com a realidade dos alunos. Além disso, ao elucidarmos a importância da literatura negra, estamos dando lugar no quadro nacional da literatura brasileira a autoras que nem sempre são valorizadas pelo cânone.

### 3.2 Literatura negra

É de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa que seja feita a análise do contexto do que caracteriza uma dita literatura negra e suas nuances, pois as autoras das obras protagonistas da atividade são mulheres negras. Em ambas as obras *Quarto de despejo - diário de uma favelada* e *Tudo nela brilha e queima* é recorrente nas escritas o orgulho, racismo e violência vividos pelas escritoras por serem negras. Como Carolina (2014, p. 64) escreve em seu diário no dia 16 de junho de 1958.

Eu escrevia peças e apresentava aos editores de circos. Eles respondia-me:

-É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.

A fim de compreender como Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão encontraram a escrita como uma alternativa para se expressar perante a sociedade, é necessário fazer uma análise acerca do processo de negritude dentro do contexto histórico para a compreensão do papel da literatura negra, Bernd (2018), em sua obra *Negritude e literatura na América Latina* traz um conceito imprescindível do que é de fato literatura negra. Há diversas perspectivas, mas entre elas há a questão de que a literatura contenha especificidades enfrentadas e identificadas por negros. Além de utilizar a escrita como uma ferramenta de resistência.

Para que se confeccione um conceito consistente será preciso atentar para os seguintes elementos: a) a existência de uma articulação entre textos dada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo; b) a utilização de uma linguagem marcada tanto a nível de vocabulário quanto dos símbolos usados pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida. (BERND, 2018, p. 23).

O ato de escrever um diário com relatos e vivências do cotidiano e o fato de a obra ser publicada com a escrita original de Carolina reforçam a autenticidade da obra. Segundo Bernd (2018), a literatura negra é um meio de desconstruir o modelo estipulado pelo branco com intuito de recontar a própria história a partir de si mesmos e não com o olhar do outro branco, muitas vezes, racista. Ao contextualizar o termo Negritude, Bernd refere que surge a partir da consciência da situação social no qual faz parte, pela busca da identidade e tem como propósito mudar a perspectiva pejorativa que se tinha da palavra negro, possuindo três objetivos “1) Construção de uma identidade; 2) Rejeição de uma arte baseada na cópia de modelos europeus;

3) Revolta contra a política colonialista europeia” (BERND, 2018, p. 33). Ryane Leão em sua obra *Tudo nela brilha e queima* (2017, p. 118), através de uma de suas poesias, exemplifica uma situação como mulher negra.

eu não quero que nossos filhos tenham  
o seu nariz largo e a sua boca carnuda  
eu ouvi e concordei em deixar você  
tentar me moldar em um padrão  
no qual eu não caberia  
você até sugeriu que eu usasse  
um prendedor de roupas no rosto  
ou que eu guardasse dinheiro  
pras plásticas que apagam  
todos os meus traços de mulher negra  
uma lembrança tão agressiva  
que me apavora  
e tem gente que me pergunta  
se foi fácil romper silêncios

Porém há questões relacionadas à Negritude que são tênues, pois às vezes é utilizado o discurso de acessibilidade e disfarça a realidade. É necessário compreender a estrutura total que compõe os estereótipos dos negros resultando no preconceito racial, segundo Bernd. Como exemplo, pode-se analisar a vida de Carolina Maria de Jesus, apesar de sua primeira obra *Quarto de despejo - diário de uma favelada* ter sido um grande sucesso, a escritora não teve ascensão social. Segundo Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado, na obra *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus* (2007, p. 77) há alguns motivos pelos quais Carolina não se encaixava na sociedade. É a representação da falsa aceitação de uma obra que revela problemas estruturais.

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semi-analfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora. Foi rapidamente esquecida e sua obra, que incomodou pelo conteúdo e pela forma, permanece em grande parte inédita. (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 77).

Segundo as análises de Bernd (2018), para compreender de fato as questões relacionadas à literatura negra é necessário associá-las à identidade. É associar a visão de si próprio com a visão e estereótipos que os outros têm acerca de nós. Assim pode compreender a pluralidade que há entre Carolina e Ryane e seus diferentes modos de se expressar em suas próprias escritas. Possuem diversas diferenças: classe social, escolaridade, vivência, temporalidade, contexto histórico, porém compartilham de algo imprescindível para a compreensão de suas obras, ambas são mulheres negras.



### 3.2.1 “Eu adoro a minha pele negra”: uma análise sobre memória social e interseccionalidade sobre a vida de Carolina Maria de Jesus<sup>4</sup>

Considerando-se o contexto histórico brasileiro há ausências de representatividade de mulheres negras como protagonistas de suas próprias narrativas, assim a literatura foi uma das alternativas encontradas por pessoas que foram silenciadas. Carolina, em suas obras, demonstra sua enorme vontade de sair da favela e mudar seu contexto sócio-econômico pelo intermédio da literatura, tornando-se escritora. Utilizar o diário e outras escritas de si se tornam uma fonte para os estudos relacionados à memória. Segundo Halbwachs (1990), o lugar e o grupo estão interligados, o espaço ocupado por esse grupo reflete a sua estrutura de vida, incidindo, assim, no meio material, visto que, não seria possível lembrar sem essa interação. Dessa forma, os relatos de violência, racismo, gênero que Carolina vivenciou e expressou em suas obras são frutos de todo o contexto social no qual ela foi exposta.

Conforme Hirata (2014), o termo interseccionalidade é utilizado inicialmente na língua inglesa e reporta à questão de gênero e classe. Deste modo, utilizar esse recorte teórico é de suma importância para a pesquisa, visto que a Carolina Maria de Jesus sempre foi posta à margem da sociedade e teve sua obra desvalorizada dentro do contexto literário brasileiro por ser mulher, negra e favelada. Segundo Carla Akotirene, em sua obra denominada *Interseccionalidade*:

Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração infantil, porque deve fazer o que ambos - marido e patroa - querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. (AKOTIRENE, 2019, p. 26 -27).

Diante dessa situação existente no Brasil, constatamos a necessidade de levar o tema para a educação formal, pois na escola, além da convivência pluralizada, cada criança leva para a própria casa o que ali aprende. Dessa forma, torna-se importante planejar o ensino a partir de obras ficcionais que levam o leitor a compreender as diferenças sociais e a valorizar o que há de característico de cada situação.

A biografia da escritora Carolina Maria de Jesus foi escrita por Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado na obra *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Mulher, negra, favelada, escritora e Doutora Honoris Causa da Universidade do Rio

---

<sup>4</sup> Artigo completo está publicado no E-book *Protagonismos de mulheres nas artes e na sociedade* (vol. 1), disponível em: <https://doi.org/10.52788/9786599463945>.

de Janeiro, título esse adquirido em 2021. Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais. Estudou somente por dois anos de sua vida, aprendendo a ler e a escrever, suas vivências foram sempre cercadas pela miséria, assim Carolina trocou de emprego diversas vezes. Durante sua vida trabalhou como faxineira, cozinheira, babá, vendedora, trabalhou para famílias de grande poder aquisitivo, tais como: políticos, juízes, dentistas, inclusive apresentou-se como artista em circos (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 28). Em meados de 1937 Carolina mudou-se para São Paulo com uma perspectiva construída antes de realizar a viagem, a qual descreveu posteriormente em sua obra *Diário de Bitita* “Até que enfim eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam-se como se fossem para o céu” (JESUS, 2014, p. 205).

Após a publicação de sua obra, a escritora conseguiu comprar sua casa própria e deixar de ser moradora da favela do Canindé, publicou sua outra obra “*Casa de alvenaria*”. O dinheiro recebido proveniente das suas publicações não era o suficiente para se manter, assim, com muitas dívidas, mudou-se para um terreno em Palheiros

Referente à obra *Diário de Bitita*, trata-se de memórias de infância e não possui a escrita original da autora. Os manuscritos que deram origem à publicação foram entregues pela própria escritora a uma repórter brasileira. Porém a obra só foi editada e teve sua primeira publicação na França em meados de 1982 postumamente, denominado *Journal de Bitita*.

Tais textos são significativos de análise em se tratando de realidade social, pois os registros de um diário levam-nos à credibilidade da escrita, na medida em que nos remete à memória de acontecimentos vividos, com suas “reflexões registradas de forma ficcional ou como documento da realidade em registro pessoal. São escritas referentes à própria vida, muitas vezes, adjetivado de ‘íntimo’, ‘pessoal’ e outras designações semelhantes”. (ROSA, 2017, p. 95). O uso da linguagem no presente, visto que o diário é escrito no momento em que se vive a situação, proporciona visão de época, mesmo que se trate de passado remoto. Além disso, as cenas descritas, normalmente, são marcantes na vida de quem escreve e tornam-se um retrato do cotidiano, uma vez que a pessoa seleciona o que vai escrever, aquilo que merece ser guardado como memória. Essa seleção serve como indicativo do que importa para quem escreve, pois seria impossível dar conta da totalidade da vida. Mesmo que haja acréscimos de informação, indo além da realidade, ainda assim é um registro importante por revelar posicionamentos e possibilitar inferências acerca de ideias sobre diversas situações da vida. Os registros de cenas esporádicas, muitas vezes, não revelam um todo, são fragmentos que o leitor necessita juntar pela sua interpretação e compreensão dos fatos. Quem escreve um diário tem

em sua mente a conexão de todos os relatos entre si e, sem se dar conta, omite detalhes que poderiam esclarecer melhor os fatos. Cabe ao leitor juntá-los, fazer inferências e buscar a ligação do todo textual, seja por nomes de pessoas, datas de ocorrências ou por relações mais complexas como causa e consequência, temporalidade, finalidades e estabelecer coerências. O caráter de descontinuidade (ROSA, 2017) ocasionado por cortes discursivos aproxima mais o leitor do texto porque permite-lhe participação e, em muitos casos, uma coconstrução. O diário não necessita ter linearidade, esse é o papel do leitor e do estudioso quando se debruça a estudá-lo, o que pode, inclusive, proporcionar leitura em profundidade ao ler e reler para ligar fatos e, até mesmo, associando eventos não explicitamente previstos.

Nas obras da escritora Carolina são comumente citados temas relacionados à violência no geral, mas há também relatos de violência doméstica presenciados por Carolina, que segundo seus relatos, por diversas vezes chama a polícia e, ou interfere nas brigas. Em suas escritas fica muito clara a decisão da própria autora em não se casar e criar os filhos sozinha, pois tem medo da violência e não quer deixar em segundo plano o hábito da leitura e escrita. Em 19 de julho de 1955 Carolina escreveu em sua obra “Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais”. (JESUS, 2014, p. 20). Esse trecho é uma narrativa profícua de análise, pois Carolina descreve o papel que é imposto para a mulher, e por não ser um caso isolado representa os estereótipos que elas mesmas sofrem, agravando as mazelas enfrentadas por essas mulheres de acordo com sua classe social. Segundo Akotirene, isso pode ser compreendido se associado ao conceito de interseccionalidade.

O pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho, segundo a qual na minha tradução: as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das “mulheres brancas instruídas”, chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por “maridos ociosos”, bastante ofendidos porque não havia “comida pronta dentro de casa”. (AKOTIRENE, 2019, p. 26).

Apesar da obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* ter sido um sucesso, sendo traduzido para 13 línguas, Carolina não conseguiu uma ascensão social sólida. A obra é repleta de denúncias sobre a realidade do modo de vida que as pessoas enfrentavam às margens dos centros urbanos em formação. A autora, incisiva em suas escritas, traz à luz uma realidade de muitos brasileiros na década de 1950 e da atualidade. Assim, não é bem recebida por uma parte da sociedade que ignora os que estão à margem.

Ela e a mídia entram em conflito. A imprensa ridiculariza cada gesto inadequado de Carolina, acusa-a de imitar as classes dominantes no seu modo de vestir e mente ao

noticiar que ela ia constantemente aos restaurantes mais caros. Mas Carolina precisa da mídia para continuar na ribalta e, a partir de certo momento, força a mão para que isso ocorra. Mas a novidade, como tudo mais, passa, deixando um gosto amargo para quem já foi estrela. É patente a má vontade da mídia, que trata de forma preconceituosa a tentativa patética de Carolina de permanecer em evidência. (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 76).

A arte literária traz possibilidades de compreender a sociedade e a atuação de indivíduos que colaboram para a sua melhoria, fazendo com que busquemos, a partir de uma situação real, criar material didático que vai além das propostas tradicionais que por tantos anos sustentaram o ensino escolar. Além disso, este estudo atende ao que preconiza a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação escolar básica.

A obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* foi uma ferramenta para denunciar as mazelas enfrentadas por muitos brasileiros que eram postos à margem da sociedade que estava passando por um processo de urbanização. Carolina Maria de Jesus cita em sua obra, na data de 30 de maio de 1958 “O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga”. (JESUS, 2014, p. 47) para a questão de memória social é de suma importância as narrativas de Carolina referentes ao contexto social no qual estava inserida. Suas memórias e os recortes que fez ao escrever suas obras mostram os detalhes, cheiros que marcaram sua memória e caracterizam a favela do Canindé. Essas obras em estudo corroboram com a crescente produção literária afro-brasileira e sua importância no cenário nacional. Segundo Rodrigo da Rosa Pereira (2016, p. 77), há um “poder contestatório e insurgente dessa literatura, frente a processos culturais resistentes a mudanças” e esse poder também pode ser exercido por professores e alunos na medida em que a literatura afro-brasileira se torne cada vez mais tema de estudo, no que a literatura tem essa possibilidade com mais ênfase pela vivência de seus personagens. Neste caso, ao tratarmos de livros-diários, essa força se torna mais verossímil, portanto, mais eficaz para o propósito de conhecimento, conscientização e integração de ideais de igualdade social. Rodrigo (2017, p. 224) conclui que “a arte literária dominante, enquanto construto discursivo e ideológico, explica lugares de subalternidade e marginalização relegados à mulher afrodescendente, essas escritoras efetuam uma operação de resgate e revitalização da história e do cânone da literatura brasileira”. Com isso, é possível revisar o imaginário da literatura brasileira, acrescentando a herança da ancestralidade e tornando visível a representatividade negra brasileira. Diante de tantos anos de silenciamento, atualmente, as artes abrem-se para a mostra plural da cultura brasileira e, com isso, a literatura, por ser a arte da palavra, atinge propósitos explicitamente contestatórios contra a hegemonia

dominante até então. É a valorização de nossas raízes, bem como dá sentido à multiculturalidade de nosso país e sua riqueza cultural, dando espaço a uma literatura representativa de mulheres silenciadas em nossa sociedade.

### 3.3 Feminismo, História e Literatura

Um dos propósitos desta pesquisa é falar sobre a relação das mulheres com a sociedade sendo parte integrante de grupos considerados marginais. Ao pensar sobre as obras *Quarto de despejo - diário de uma favelada* e *Tudo nela brilha e queima* com a disciplina de História surgiram várias indagações que me levaram ao viés do feminismo para agregar à pesquisa. Tais como: por que não é habitual usar mulheres como protagonistas para estudar a disciplina de História? Por que não é comum usar os próprios moradores de favelas para através de suas vivências contar como é morar nesses locais? Sempre ouvimos a história a partir de perspectivas masculinas, por que homens não podem estudar a história através de outro olhar? Não é uma história separada, as mulheres sempre estiveram nela durante toda a humanidade, porém não havia espaço para serem protagonistas de suas próprias narrativas. A pesquisa não trata somente de entender o papel da mulher, mas analisar uma perspectiva da sociedade através de uma narrativa feminina, fugindo da premissa da história oficial, escrita somente pela elite composta de homens héteros e brancos. Assim é possível que a mulher possa estar relacionada à política, à economia, a todos os âmbitos sociais que ocupa como cidadã e não se restringir a falar somente sobre o âmbito familiar e sobre a maternidade.

Conforme a Dra Constância Lima Duarte, em seu artigo *Feminismo: uma história a ser contada* (2019), existe uma ojeriza em relação ao feminismo no Brasil, mesmo que o movimento tenha trazido resultados significativos em relação aos direitos da mulher, a sua inserção nas universidades e mercado de trabalho. Contudo há um estereótipo quanto às mulheres que se identificam com o movimento feminista: mal-amada, machona, feia, assim muitas mulheres não assumem sua posição por receio de serem associadas aos estereótipos. A história do feminismo e suas conquistas é pouco conhecida, pois a bibliografia é restrita. O primeiro marco que Duarte ressalta é de 1827 no qual houve a abertura de escolas públicas femininas, antes o ensino feminino era voltado para afazeres domésticos. Entretanto, uma legislação não é capaz de mudar completamente a realidade que essas meninas, principalmente as meninas negras, enfrentaram (DUARTE, 2019). Carolina Maria de Jesus em sua obra *Diário de Bitita* (2014) relata como era a realidade dos alunos negros em meados de 1920 cem anos

após a primeira legislação, quando a própria Carolina frequentou a escola por dois anos, em um dos trechos diz:

No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. (JESUS, 2014, p. 42).

Ocorreram diversas conquistas, por volta de 1970 houve a institucionalização dos estudos sobre a mulher, resultando na criação de núcleos de estudos, seminários e avanços teóricos sobre feminismo. Passo importante para contribuir bibliograficamente nas pesquisas voltadas à mulher (DUARTE, 2019).

Houve um período no Brasil de criação de símbolos nacionais, com o intuito de criar uma imagem de nação unificada e homogênea. A literatura também sofreu com esse processo, conforme Rita Terezinha Schmidt, no artigo *Na literatura, mulheres que reescrevem a nação* (2019, p. 66), a autora traz uma abordagem importante sobre o papel da literatura como meio para se ouvir outras vozes.

A hegemonia desse sujeito sempre esteve calcada em formas de exclusão de outras vozes, outras representações. Nesse sentido, o processo de desconstrução da nacionalidade implica reconhecer textos marginalizados em razão da diferença de gênero, raça e classe social. É a vontade de construir a história dos próximos quinhentos anos, como resultado da ação emancipadora de um conhecimento do passado, que nos leva a percorrer alguns caminhos do processo de naturalização da nação homogênea e a ouvir vozes silenciadas nas suas fronteiras internas.

A ideia de unificação nacional deixou marcas na história e fez com que escritoras como Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão fossem invisibilizadas. Mulheres, negras, não fazem parte do estereótipo ideológico de nação, se encontram à margem, porém essa situação social reflete em suas escritas. Fica evidente essa resistência no poema da obra *Tudo nela brilha e queima* (2017, p. 111) de Ryane Leão:

perdi a conta de quantas vezes  
 fui desencorajada  
 a prosseguir com meus poemas  
 eu me lembro dos telefonemas  
 e das risadas do outro lado da linha  
 é tão covarde quem tenta roubar  
 nossas possibilidades  
 e uma mulher que não se esconde  
 provoca medo  
 eu avisei que a escrita em mim  
 não se esgota  
 eu avisei que duvidava de tudo  
 menos do meu jogo com as palavras  
 eu avisei

De acordo com Schmidt (2019), a construção de uma nação tem como ideia um sujeito nacional universal, o que não é vinculada às especificidades de raça, classe e gênero, o que exclui as narrativas da própria construção dessa nação. Formando uma memória coletiva que não corresponde à realidade, o estereótipo foi construído de acordo com a visão dos colonizadores.

A colonização deixou marcas profundas na construção do Brasil que refletem nos dias atuais no modo organizacional da sociedade e nos rumos dos movimentos sociais. Segundo o artigo *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*, a antropóloga Ochy Curiel diz que o feminismo que se tem na Europa não contempla as pautas da mulher brasileira, visto que sofrem opressões diferentes e nem correspondem às realidades enfrentadas por países latinos. As teorias mais disseminadas do feminismo têm um olhar eurocêntrico e possui resquícios de pensamentos elitizados, brancos e heteronormativos. Assim surge a necessidade de se falar do feminismo decolonial juntamente com a teoria do pós-colonialismo.

Cria-se uma grande narrativa universal na qual a Europa e os Estados Unidos são, simultaneamente, o centro geográfico e a culminação do movimento temporal do saber, onde se subvaloriza, ignora, exclui, silencia e invisibiliza conhecimentos de populações subalternizadas. (CURIEL, 2020, p. 128).

A análise que utiliza o feminismo decolonial tem de ser profunda, não basta apenas ver pessoas como objetos de análise, mas compreender de onde surgiram as opressões (racismo, pobreza, violência) que enfrentam e sim identificar a raiz dessas opressões dentro do processo histórico de colonização “a subalternidade precisa deixar de ser objeto e passar a ser sujeito do conhecimento” (CURIEL, 2020, p. 132).

O conceito de interseccionalidade tem papel fundamental dentro das análises feministas referentes às opressões. Conforme Hirata (2014), o termo interseccionalidade é utilizado inicialmente na língua inglesa e reporta à questão de gênero e classe. Carolina Maria de Jesus

e Ryane Leão, através de suas escritas, demonstraram como é estar à margem da sociedade e enfrentar desafios dentro do contexto literário brasileiro por serem mulheres, pobres e negras. Segundo Carla Akotirene em sua obra denominada *Interseccionalidade*:

Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração infantil, porque deve fazer o que ambos – marido e patroa – querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. (AKOTIRENE, 2019, p. 26 - 27).

Segundo a historiadora Joan Scott, em seu artigo *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (2019), o gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma ampla, independentemente do parentesco. As subjetividades de Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão são de suma importância, visto que “os (as) historiadores (as) devem examinar as maneiras como as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com uma série de atividades, organizações sociais e representações culturais historicamente situadas” (SCOTT, 2019, p. 69). Toda história e narrativa são subjetivas, faz parte da análise compreender o contexto social e temporal nos quais as obras analisadas foram escritas, compreendendo as especificidades de cada autora, assim como a construção da oficina relatada deve levar em consideração os alunos e alunas participantes.

Ao se compreenderem sujeitos, Carolina e Ryane utilizaram a literatura como ferramenta para dar espaço a todo um grupo social que se identifica com os mesmos desafios pessoais e sociais. Conforme a Dra Teresa de Lauretis em seu artigo *A tecnologia de gênero* (2019), há uma indagação sobre o problema que pesquisadoras sobre feminismo enfrentam, pois a maioria dos estudos são através de narrativas masculinas e heterossexuais, o que reflete nas conclusões das pesquisas. Os estudos atuais têm de se atentar a abrir espaços para novos discursos, novas narrativas culturais, segundo Lauretis “uma visão de ‘outro lugar’”. Esse outro lugar se refere aos espaços que estão à margem dos discursos predominantes, na vida cotidiana, nas produções culturais femininas, na subjetividade e representação das mulheres.

A abordagem transdisciplinar (literatura e história) se faz necessária devido aos silenciamentos que geram lacunas nas fontes históricas relacionadas às mulheres, principalmente às mulheres negras. Há a tentativa de reconstruir as memórias a partir dos registros dessas próprias mulheres, estudar História de acordo com visões diferentes de eurocêntrica e elitizada. Para embasar essa proposição foi selecionado o artigo *Pesquisa sobre*



*mulher no Brasil: do limbo ao gueto?* (2019), escrito por Albertina de Oliveira Costa, Carmen Barroso e Cynthia Sarti. Ao se referir sobre os estudos das ciências humanas, “o que hoje se questiona é o tipo de tratamento que lhes foi destinado. Uma presença quase ausência”. (BARROSO; COSTA; SARTI, 2019, p.110). As mulheres só eram visibilizadas quando agiam diferente do padrão comportamental estipulado pelos homens. O feminismo possui diversas vertentes, mas têm ideais semelhantes como a superação das desigualdades e o fim da exploração da mulher. Na obra *Tudo nela brilha e queima* (2017, p 26) há um poema sobre silenciamentos:

agora que percebemos  
que somos a nossa própria cura  
perdemos o medo de gritar  
anos de silenciamento  
agora provocam vendavais  
ao lado das minhas estou a salvo

Nesse sentido, a perspectiva feminista é de suma importância para essa pesquisa, visto que o intuito é desenvolver uma oficina para grupos diversos, visando à igualdade, além de ter escritoras negras como base para a oficina também para que as pessoas se acostumem a ver mulheres ocuparem espaços de destaques. Além dos debates teóricos nessa pesquisa, as produções dos alunos poderão ser fontes históricas para futuros (as) historiadores (as).

#### 4 METODOLOGIA E FONTES

Esta pesquisa é de cunho social, sendo que as variedades e conflitos das relações humanas estão incluídas no total dos problemas enfocados pela pesquisa social (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 4-5). A abordagem é **qualitativa**, que é compreender os significados, valores e relações de um determinado grupo através de aspectos que não podem ser quantificados. A pesquisa surge de problemas enfrentados pelo pesquisador ou indagações, Minayo (2002, p. 18) descreve esse processo como uma “investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida, ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”.

Quanto aos procedimentos técnicos foram realizados dois métodos: pesquisas bibliográficas e documentais. Segundo Prodanov e Freitas, as pesquisas bibliográficas se enquadram em: “livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet” (2013, p. 54). O formulário realizado com os profissionais da educação se refere às pesquisas documentais como fonte de primeira mão, no que se classifica como documentos sem análise.

Para a realização do produto, ou seja, a realização da oficina, foram adotados os seguintes passos de execução:

- 1) Categorizar as obras de acordo com os temas relevantes.
- 2) Criar uma oficina didática transdisciplinar que contemple as duas obras literárias e seus respectivos temas.
- 3) Descrever o passo a passo de criação e aplicação da oficina
- 4) Após a aplicação da oficina: os diários, escritas de si poderão ser viabilizados pelas ferramentas do Google, ou exposto de acordo com a possibilidade da escola e preferência dos alunos e alunas. A oficina ficará disponível na plataforma do Youtube, com intuito de alcançar outros docentes para que possam realizar a oficina em suas instituições.

A escolha de utilizar o termo *uso da fonte literária*, parte da formação da pesquisadora em História, visto que se trata de uma ciência e possui suas próprias especificidades quanto às metodologias. A relação do historiador se dá através de uma relação com sua fonte, segundo Funari (2005, p. 85)

Fonte é uma metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d'água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram esse conceito, no francês, *source*, e no alemão, *Quell*. Todos se inspiraram no uso figurado do termo *fons* (fonte) em latim, da expressão "fonte de alguma coisa", no sentido de origem, mas com um

significado novo. Assim como das fontes d'água, das documentais jorrariam informações a serem usadas pelo historiador.

Por conseguinte, a literatura, diários pessoais e escritas de si são consideradas fontes históricas. Conforme Borges (2005, p. 214-219) a literatura é ligada à biografia visto que é uma forma de retratar pessoas comuns, a história e ficção possuem uma linha tênue. Assim, não há ênfase em uma verdade absoluta ou neutralidade da pesquisadora, mas sim o verossímil das fontes e a subjetividade da pesquisadora. Desse modo as produções dos alunos que resultaram nos fragmentos de textos autobiográficos, possuem aspectos temáticos, tais como: gênero e violência, Borges diz: “não há outra forma para narrar uma vida a não ser selecionando o que nós parecer significativo” (BORGES, 2005, p. 220), portanto a sensibilidade e intuição da pesquisadora se torna imprescindível nesse momento da pesquisa para as possíveis interpretações de suas fontes que podem estar óbvias ou intrínsecas.

Em relação à abordagem transdisciplinar, a escolha se deu pelo viés de que é uma abordagem mais sensível que visa articular as complexidades do ser humano. Conforme Pires (1998, p. 175-176), a transdisciplinaridade pode ser caracterizada como uma rede em campos disciplinares, que têm por objetivo tratar o indivíduo como sujeito histórico.

Segundo Menezes (2001), se trata de uma tentativa de minimizar as problemáticas resultantes das fragmentações das disciplinas que, por conseguinte, resultam na perda da inter-relação do ser com o meio que vive. Os aspectos de respeito, pluralidade de ideias e vivências corroboram com as expectativas das práticas educativas atuais.

A escolha de realizar a oficina se deu por suas características e dinamicidade. Conforme o glossário do Centro de Referências em Educação Integral, é uma metodologia que possui grande interação de forma horizontal na relação entre professor x aluno. O objetivo não deve ser a transmissão de conhecimento, o intuito é a troca, construção coletiva e compartilhamento de vivências. A realização de oficina dialoga com os aspectos descritos em toda a Base Nacional Comum Curricular; a estrutura da oficina visa à acolhida, à reflexão e à interação, segundo Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do oprimido* (2020, p. 96) referente ao papel do docente:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.

## 5 APRESENTAÇÃO DE PRODUTO FINAL

O produto final, proposto em articulação com o problema de pesquisa lançado, é a criação de uma oficina pedagógica para a disciplina de História e humanidades, baseada na confecção de diários eletrônicos utilizando ferramentas do Google a partir dos quais possa ser vislumbrada a memória social através das questões de gênero, à luz da problematização dos livros *Quarto de Despejo* e *Tudo nela brilha e queima*. O público-alvo é composto por alunos do Ensino de jovens e adultos (EJA) com faixa etária bem diversificada, além de que, comumente alunos e alunas que optam pelo ensino EJA possuem algum motivo para não terem concluído os estudos no ensino regular.

A opção pela escrita de diário se deve ao fato de que permite uma escrita em tom confessional, falando de si com liberdade de estilo sem tanta preocupação com a norma padrão da língua portuguesa, visto que, é um texto produzido com o propósito de registrar o momento de vida da pessoa e suas impressões pessoais e suas emoções. Assim, o recurso digital em sala de aula se torna de suma importância para o desenvolvimento dos diários.

Temos aqui um importante imbricamento entre escola e tecnologia, configurando uma espécie de hibridização, no meu entender, central, capaz de mudar as relações dos atores escolares (alunos, professores e administradores) entre si e deles com a informação, com a comunicação, e com o conhecimento, dependendo das escolhas que a escola fará - neste sentido tanto podemos reproduzir, na interação com essas tecnologias, uma relação autoritária, vertical, infantilizante, afastando a possibilidade de construção do conhecimento, quanto podemos optar por uma democratização das relações dos atores entre si, bem como optar por sistematicamente trabalhar com a desconstrução da informação e da comunicação encapsuladas, e com as condições possibilitadoras do conhecimento. (AXT, 2000, p. 59).

Utilizar as tecnologias de modo correto as transformam em ferramenta de estímulo para a criatividade dos alunos e alunas. O público-alvo é composto por pessoas de faixa etária acima dos 15 anos, pois comumente os jovens e adultos já estão familiarizados com as redes sociais, que servem como parâmetro para a compreensão dos registros de memórias.

A lei nº 10.639, de janeiro de 2003, corrobora para a relevância da pesquisa, visto que se trata da obrigatoriedade, da inserção na educação nacional, a temática "História e Cultura Afro-Brasileira". De um modo geral, as atividades têm por intuito facilitar a compreensão do aluno visando desenvolver habilidades e competências referentes aos conteúdos propostos na disciplina de História e Humanidades em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim os quadros 3 e 4, a seguir, são as habilidades e competências extraídos da BNCC, as quais são as diretrizes que conduzem o planejamento dos conteúdos a

serem desenvolvidos em sala de aula. A proposta desse projeto é uma oficina pedagógica transdisciplinar, assim foram selecionados para compor os quadros de habilidades e competências das disciplinas de História e Língua Portuguesa respectivamente.

Quadro 3 - Conhecimentos e habilidades extraídos da BNCC sobre a disciplina de História

<b>Disciplina de História (8º ano)</b>		
<b>UNIDADES TEMÁTICAS</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADES</b>
Os processos de independência nas Américas	A tutela da população indígena, a escravidão dos negros e a tutela dos egressos da escravidão	(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.
Configurações do mundo no século XIX	Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo O discurso civilizatório nas Américas, o silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas A resistência dos povos e comunidades indígenas diante da ofensiva civilizatória	(EF08HI27) Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas.
<b>Disciplina de História (9º ano)</b>		
O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX	A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações	(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados. (EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.
O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX	Anarquismo e protagonismo feminino	(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

		(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.
Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação	(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946. (EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.
Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	O processo de redemocratização A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.) A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais. Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira A questão da violência contra populações marginalizadas O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização	(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo. (EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos. (EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989. (EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Quadro 4 – Conhecimentos e habilidades extraídos da BNCC sobre a disciplina de Língua Portuguesa

<b>Língua Portuguesa (6º ano ao 9º ano)</b>		
<b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADES</b>
Leitura	Estratégias de leitura Apreciação e réplica	(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e

		africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
Produção de textos	Construção da textualidade Relação entre textos	(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros.
<b>Língua Portuguesa (8º ano e 9º ano)</b>		
Leitura	Estratégias de leitura Apreciação e réplica	(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
Produção de textos	Construção da textualidade	(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais,

		minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.
Produção de textos	Relação entre textos	(EF89LP36) Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, liras, microrroteiros, lambe-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Cada obra serviu de base para um dia da oficina didática. Ela visa utilizar de forma transdisciplinar obras literárias a fim de construir as memórias dos alunos e alunas participantes das oficinas.

A intenção de realizar a oficina como produto é desconstruir a ideia de que a História é formada somente por grandes nomes, que a vida e memória desses alunos também são de suma importância para eles e para a sociedade. Utilizar mulheres negras que contam suas histórias através da literatura é uma forma de aproximar a história da realidade dos alunos por meio da ficção.

Este produto está relacionado com a problemática da pesquisa de Mestrado que é como relacionar a memória social e escritas de si com obras literárias. O objetivo do produto é colaborar com os professores de História e outras áreas das humanidades para trabalharem de forma conjunta ou individual utilizando a literatura como ferramenta. Além de ficar disponível na plataforma *Youtube* para divulgação e compartilhamento da oficina com outros profissionais da área da educação.



## 5.1 Principais conceitos

**Uma nova perspectiva:** Utilizar obras literárias para uma oficina pedagógica de História é algo novo (conforme dados do quadro 1), e serve como uma alternativa a fim de atrair a atenção dos alunos.

**Educação:** A oficina pedagógica é de suma importância tanto para o aluno quanto para o professor titular da turma. Assim, é possível alterar a imagem do professor como somente transmissor do conhecimento para o professor que troca saberes, troca experiências de vida, que pode estimular o aluno e acolhê-lo. Educação é muito além de passar o conhecimento, é um aprendizado mútuo.

**Memórias sensíveis:** Utilizar como base as obras *Quarto de despejo - diário de uma favelada* e *Tudo nela brilha e queima* é compreender, através de suas escritas diversas, perspectivas do contexto social inseridos. Carolina Maria de Jesus, através de relatos em seu diário; Ryane Leão, com suas poesias, ambas através de suas perspectivas denunciam o racismo, a violência, o papel da mulher dentro da sociedade. Os alunos poderão se identificar com esses relatos, e assim expressar suas próprias vivências.

## 5.2 Público-Alvo

O público-alvo para essa oficina é a rede de ensino de jovens e adultos (EJA), que vise à realização de atividades transdisciplinares para os seus professores de História e Humanidades construírem e ampliarem o conhecimento e criticidade dos estudantes.

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), há 91 escolas públicas que ofertam anos finais à comunidade, 44 escolas municipais, 30 escolas estaduais, 17 escolas da rede privada e 30 escolas de ensino médio, sendo esse o público-alvo. Esses dados são do município de Canoas, localizado na região Metropolitana de Porto Alegre, que indicam a necessidade de desenvolver as atividades.

O produto trata-se de uma oficina pedagógica, assim é necessário pensar em todos que irão compor o processo de ensino. Desde a instituição de ensino onde serão aplicadas as oficinas, os professores e os alunos e alunas participantes. Cada parte possui uma perspectiva referente à oficina, que, ao todo, contribuem para compreender o valor geral do produto.

**Secretaria De Ensino/ Instituição:** Ao proporcionar aos alunos e professores a participação em diferentes métodos de ensino, as instituições podem transpor suas preocupações, anseios, missão, visão e princípios da própria instituição para com a

aprendizagem dos alunos. Um meio de fornecer aos seus alunos e professores novas abordagens e reflexões a assuntos relacionados à memória social e à disciplina de história.

**Professores:** Durante a aplicação das oficinas há uma grande oportunidade de troca de saberes e ampliação das perspectivas dos professores titulares das turmas. Ao sair da rotina das aulas, assistir outro professor ministrar as oficinas é uma oportunidade para o corpo docente conhecer mais sobre a vivências dos próprios alunos e fazer uma avaliação como observador a fim de contribuir para o futuro planejamento das aulas do professor(a) titular.

**Alunos:** Como protagonistas das oficinas, é o momento de suas vivências e, principalmente, serem ouvidos. As obras *Quarto de despejo - diário de uma favelada* e *Tudo nela brilha e queima* foram pensadas como instrumento para a inspiração para os alunos e alunas poderem contar suas histórias a partir de suas percepções a fim de compreender a importância das histórias não oficiais que compõem também a história do Brasil contemporâneo.

### 5.3 Matriz FOFA

A matriz FOFA, trata-se de uma estratégia para a organização do produto final. É uma forma de analisar as oportunidades, ameaças, forças e fraquezas do produto em questão. Auxilia na visão geral do produto e possíveis problemas, assim é possível identificar soluções prévias ou melhorar estratégias a fim de minimizar eventuais problemas. Assim, como a pesquisa trata-se do desenvolvimento de um produto, a matriz FOFA é capaz de auxiliar.

Quadro 5 – Matriz FOFA

<b>MATRIZ FOFA</b>	
<b>Fatores externos</b>	
<b>Oportunidades</b>	<b>Ameaças</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilidade de proporcionar aos alunos acesso a obras literárias que não conhecem;</li> <li>- Oportunidade de a comunidade escolar reconstruir a memória local;</li> <li>- Aproximar os alunos durante as oficinas a diferentes plataformas online.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade dos alunos ao acesso à internet;</li> <li>- Desinteresse por parte dos alunos em realizar as atividades;</li> <li>- Dificuldade em aplicar as oficinas devido à pandemia.</li> </ul>

<b>Fatores internos</b>	
Força	Fraqueza
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Baixo custo para o desenvolvimento das oficinas;</li> <li>- Grande parte dos adolescentes tem facilidade na utilização de tecnologias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade em encontrar instituições que aceitem a aplicação das oficinas devido à pandemia;</li> <li>- Não conseguir transformar a oficina em formato online.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

#### **5.4 Formulário Google: perspectivas sobre o uso de obras literárias como oficina pedagógica**

A disciplina de Construção e Comunicação da Cultura na Era Digital do PPG em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle teve o intuito de apresentar aos alunos avanços tecnológicos, ferramentas online, entre outros, além de debates que visavam unir a teoria com a realidade dos projetos dos alunos participantes. Como proposta final de disciplina os professores propuseram que utilizássemos alguma ferramenta discutida ao longo do semestre, algo de suma importância para esse projeto, pois foi possível estreitar os laços da pesquisa com a realidade das escolas, principalmente em um período de pandemia. Nesse contexto mundial atual, é necessário rever os meios que serão utilizados para o desenvolvimento das oficinas, que se trata do produto final do Mestrado. Assim, foi realizado um formulário voltado para os professores e funcionários da área da educação com o título *Formulário Google: Perspectivas sobre o uso de obras literárias como recurso pedagógico*. O quadro 6, a seguir é composto pelo texto que compunha a descrição do formulário, para cujo desenvolvimento foi utilizada a plataforma *Google Forms*.

### Quadro 6 – Dados utilizados no Formulário

Estamos convidando você para participar como voluntário(a) desta pesquisa, que faz parte do meu trabalho para conclusão do curso de Mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle sob orientação da prof. Dra Danielle Viegas e coorientação da prof. Dra Lúcia Regina Lucas da Rosa. Este formulário é parte integrante da pesquisa intitulada "Quando eu não tinha nada o que comer em vez de xingar eu escrevia": uma proposta metodológica de ensino a partir de obras literárias. O questionário tem como objetivo ajudar na elaboração de uma oficina pedagógica relacionada à memória social e escritas de si. Serão necessários somente 3 minutos para o formulário ser respondido, é de suma importância a sua colaboração.

- Pesquisadora Monique Valgas Ferreira
- E-mail: moniquevalgas@gmail.com
- Telefone: (51) 999077899

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

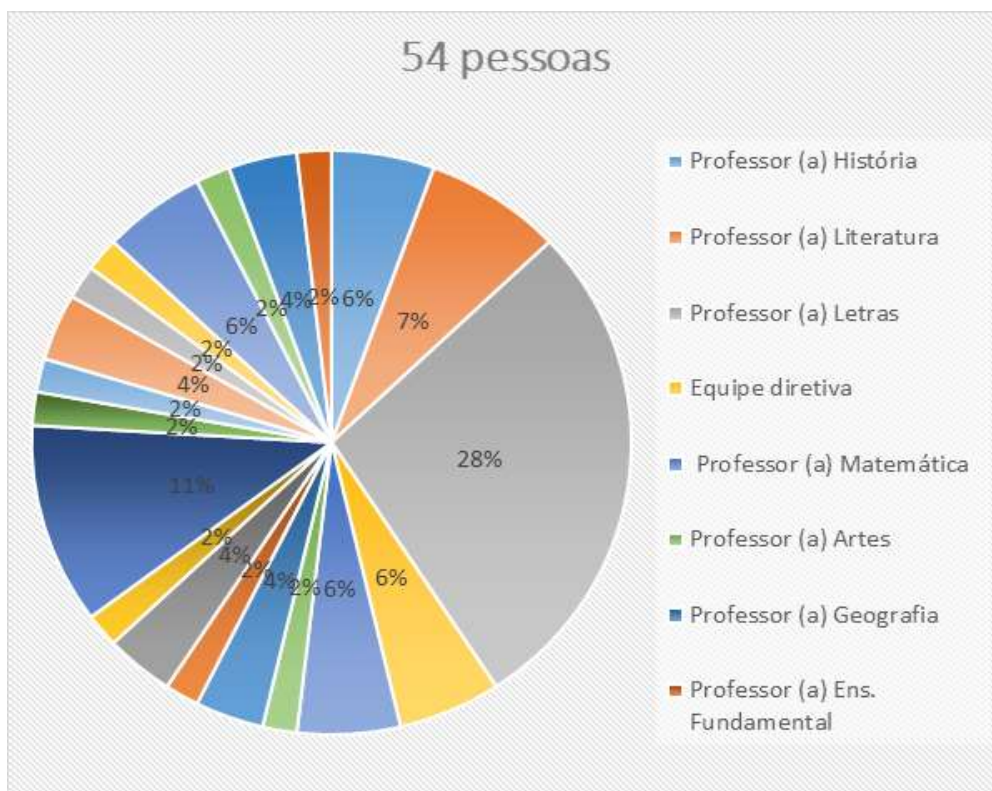
O formulário foi composto por quatro sessões. Totalizando onze perguntas e levava em média três minutos para responder o questionário do início ao fim.

**SESSÃO 1:** A sessão era constituída por uma pergunta obrigatória. Serviu como um filtro, para compreender quem estava respondendo o questionário.

1.1 Você atua na escola como:

- a) Professor (a) de História
- b) Professor (a) de Literatura
- c) Professor (a) de Letras
- d) Equipe Diretiva
- e) Outros

Gráfico 1- Relação de participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

De acordo com o gráfico elaborado a partir das respostas, no total, 54 pessoas responderam o questionário até o final. As três porcentagens mais altas foram pessoas que se denominaram: 15 pessoas (28%) eram professores da área de Letras, 6 pessoas (11%) eram professores de Anos Iniciais, 4 pessoas (7%) eram professores de Literatura.

**SESSÃO 2 INSTITUIÇÃO:** A sessão foi composta por quatro perguntas. Serviu como parâmetro para analisar a estrutura da instituição e a aceitação do corpo docente referente a diferentes atividades pedagógicas.

2.1 Qual o tipo de instituição que atua? (pode ser marcada mais de uma alternativa)

- a) Rede pública
- b) Rede privada

Gráfico 2 – Rede a qual pertencem



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

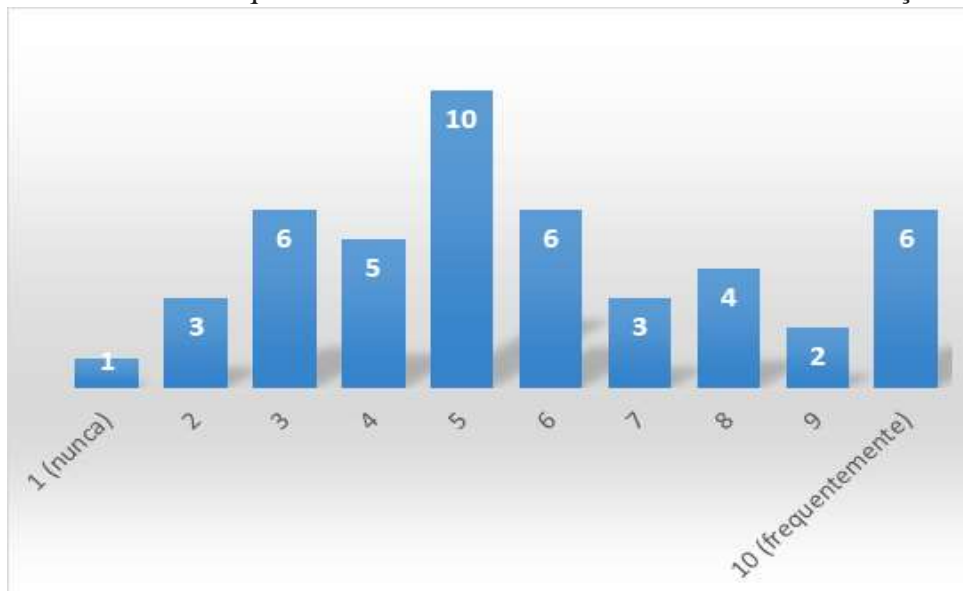
Conforme o gráfico 2, 46 pessoas atuam na rede pública e somente 8 pessoas atuam na rede privada de ensino.

2.2 A escola oferece aos alunos oficinas didáticas diferenciadas (obrigatória).

Resposta em escala.

Escala: 1 (nunca) a 10 (frequentemente).

Gráfico 3 – Frequência de oficinas didáticas oferecidas nas instituições



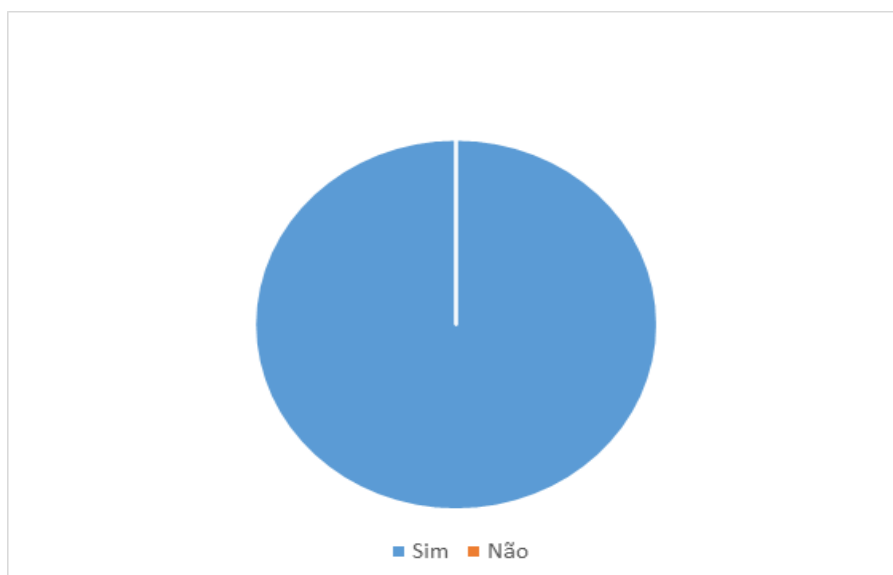
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

2.3 Você acha importante conhecer o contexto social da comunidade escolar para o planejamento das aulas?

a) Sim

b) Não

Gráfico 4 – Relevância de entender o contexto social da escola



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

De acordo com o gráfico elaborado, 100% das pessoas responderam sim.

2.4 De acordo com suas vivências em sala de aula, considera atrativo para os alunos o uso de obras literárias nas aulas?

Resposta em escala

Escala: 1 (Pouco atrativo) ao 5 (Muito atrativo)

Gráfico 5 – Relação da literatura em sala de aula



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

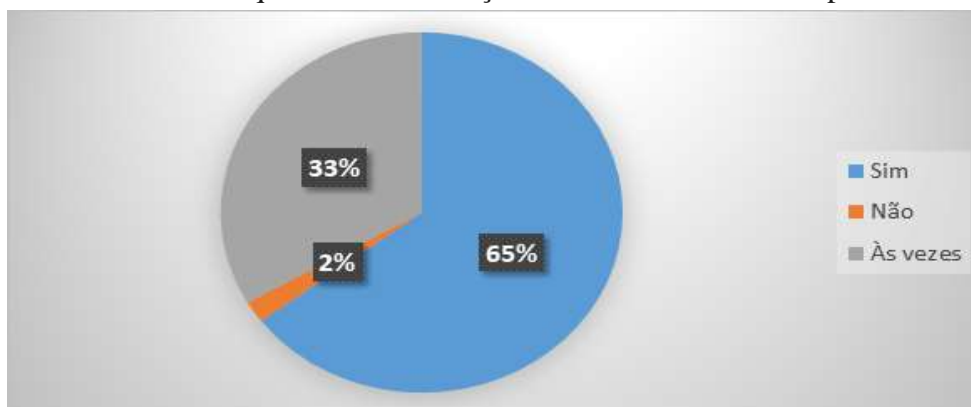
A maioria dos participantes acha muito atrativo o uso de obras literárias.

**SESSÃO 3 METODOLOGIA:** A sessão consiste em três perguntas referentes ao uso de recursos literários.

3.1 Você costuma realizar atividades interdisciplinares?

- a) Sim
- b) Não
- c) Às vezes

Gráfico 6 – Frequência de realização de atividades interdisciplinares



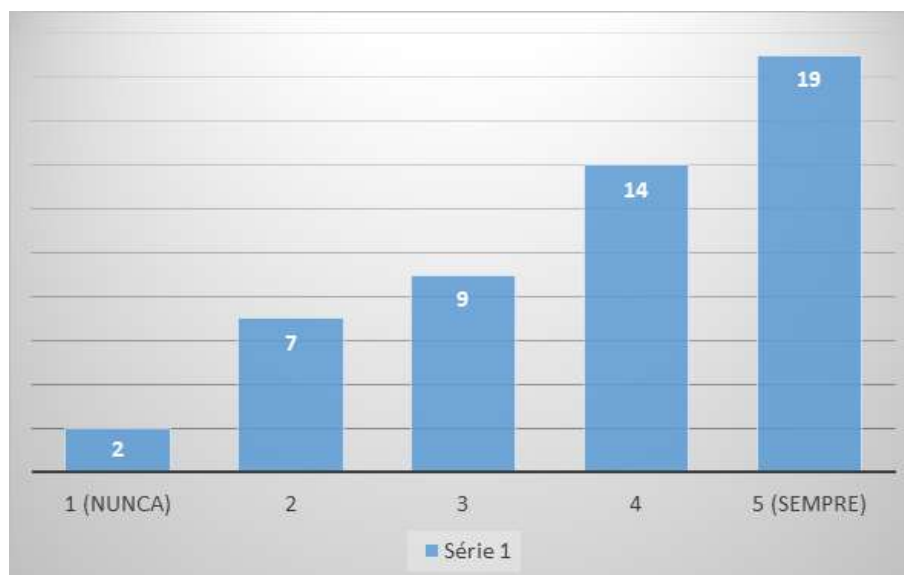
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

3.2 Utiliza livros literários como recurso de ensino?

Resposta em escala

Escala: 1 (nunca) ao 5 (sempre)

Gráfico 7 – Utilização de livros literários como recurso didático



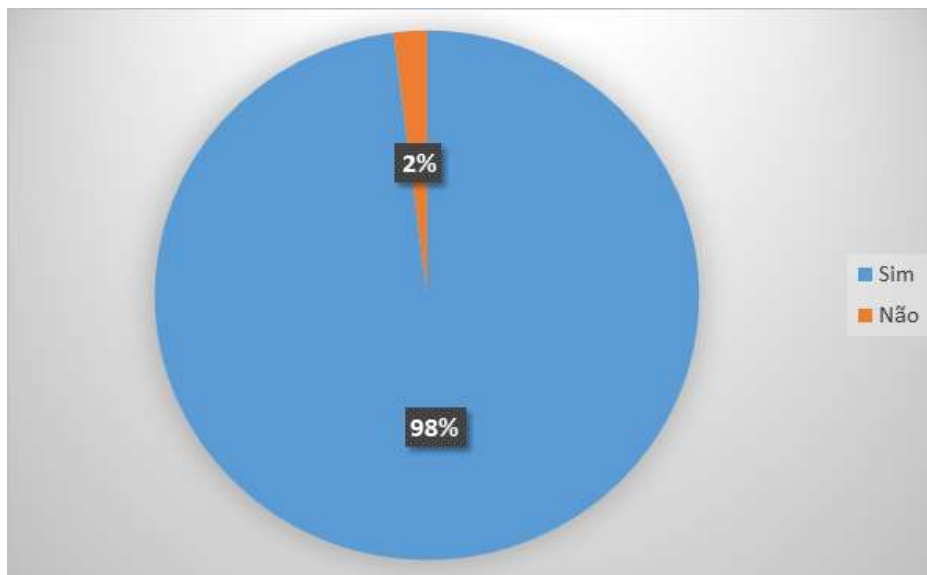
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



3.3 Você acha importante utilizar literatura escrita por mulheres negras?

- a) Sim
- b) Não

Gráfico 8 – Importância da literatura de autoria feminina negra



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

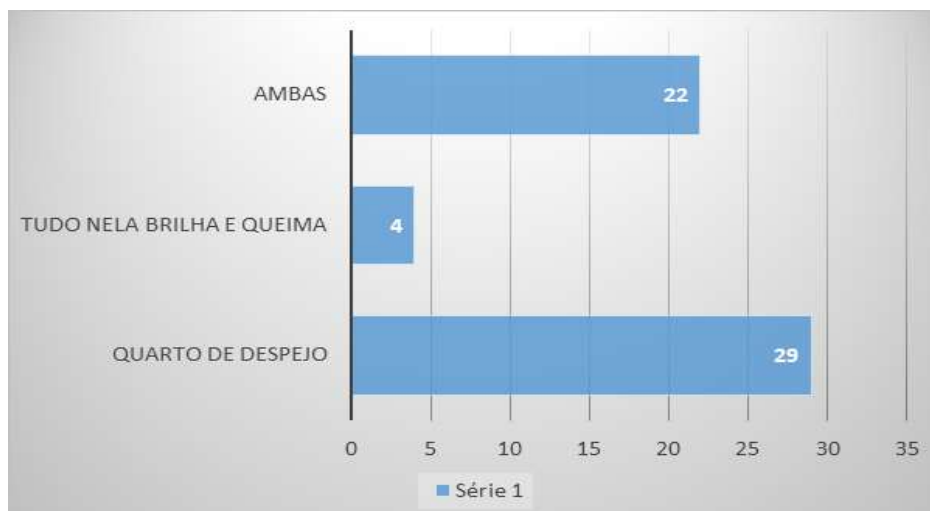
Em conformidade com as respostas que compõem o gráfico, 98% dos participantes consideram relevante o uso da literatura com escritoras negras.

**SESSÃO 4 OFICINAS:** A sessão possui três perguntas. A sessão foi voltada às obras e possuiu mais interação dos participantes com o problema de pesquisa.

4.1 Você conhece as obras *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus e a obra *Tudo nela brilha e queima*, da autora Ryane Leão? (pode ser marcada mais de uma alternativa)

- a) Quarto de despejo - diário de uma favelada
- b) Tudo nela brilha e queima
- c) Ambas as obras

Gráfico 9 – Conhecimento das obras



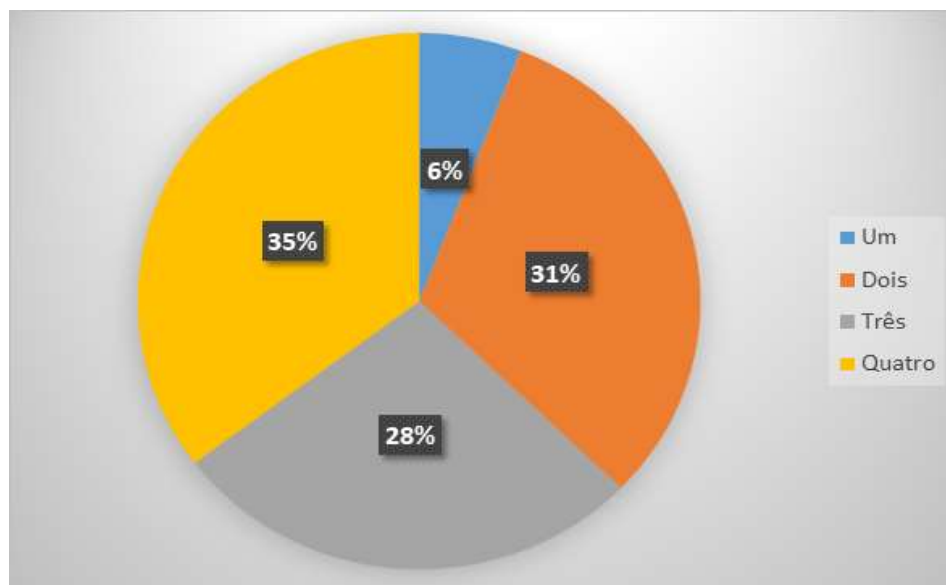
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Essa alternativa não era obrigatória. Caso o participante não conhecesse nenhuma obra, poderia pular a questão.

4.2 Quantos encontros com duração de 90 minutos você acha o ideal para a realização de uma oficina.

- a) Um encontro
- b) Dois encontros
- c) Três encontros
- d) Quatro encontros

Gráfico 10 – Média de encontros



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

4.3 As oficinas foram baseadas nas obras *Quarto de despejo - diário de uma favelada* e *Tudo nela brilha e queima*. Ambas as autoras são mulheres negras, que através de suas obras trazem temas como gênero e violência. De acordo com suas vivências no ambiente escolar, deixo sua sugestão para a criação da oficina.

- Resposta livre
- 25 respostas

Algumas respostas:

“Ter um planejamento prévio é importante, porém também pode-se ouvir os alunos e proporcionar momentos de criatividade deles”.

“Contaço de histórias de trechos/contextos próximos à realidade vivenciada ou que possa haver empatia, relato de experiências vividas ou conhecidas da obra, retirada de palavras-chave do texto para que promova reflexão e comparação com o texto original...”

“Fazer uma leitura dramatizada”

“Sensibilização literária, uma preparação anterior à leitura. Contaço de fragmentos da obra”

“Cada aluno relatar sua vivência”

“Utilizar metodologias ativas, gamificação dos conteúdos (no YouTube tem várias páginas explicando e sugerindo como fazer : D)”

“Falar sobre lugar de fala.”

“Dramatização”

## **5.5 Análise das informações adquiridas através do formulário**

Todas as etapas da disciplina foram importantes para a construção do formulário e para as análises que se sucederam a partir das respostas. Compreender o papel que a internet tem no cotidiano das pessoas, principalmente em meio a uma pandemia, mostra o quão sensível é o papel da pesquisa.

O produto final que, nesta pesquisa consiste em uma oficina didática, precisa estar em conformidade com o público que a irá consumir. A criação do formulário é o exemplo do quão é necessário se adaptar, se atualizar e aprender sobre novas plataformas, principalmente em um período em que é necessário o distanciamento social. Rapidez, textos curtos, imagens, redes sociais como meio de registrar momentos, entre outros, todas essas questões são características atuais e devem ser relevantes ao construir um produto a fim de que se torne atrativo ao público.

Assim, os dados obtidos através do formulário serão importantes para a construção da oficina, produto da pesquisa.

Ao analisar o questionário, há questões que servem como norteador da pesquisa, conforme o gráfico 4, todos os participantes responderam que é necessário avaliar o contexto social da escola para ser aplicada a oficina. Conforme o gráfico 6, 33% dos participantes não costumam fazer atividades interdisciplinares para esse público, o que pode ser um diferencial para a escola. No gráfico 8, 98% dos participantes consideram relevante o uso da literatura com escritoras negras. A ideia de um encontro para a oficina não é atrativa, pois somente 6% dos participantes marcaram essa opção, conforme gráfico 10.

## 6 ROTEIRO OFICINA CAROLINA MARIA DE JESUS E RYANE LEÃO: DAS MEMÓRIAS ÀS ESCRITAS DE SI

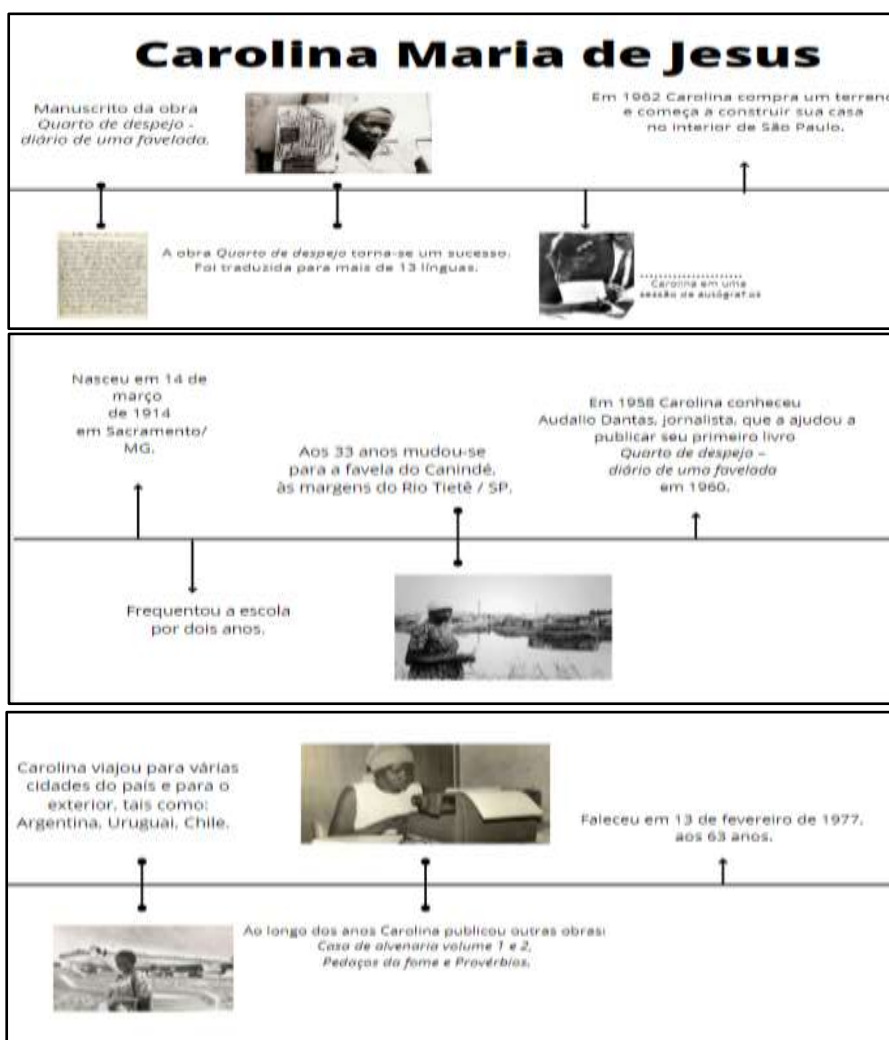
A seguir será apresentado o roteiro dos procedimentos necessários para realização da oficina. Como conhecimento prévio para aplicar a oficina, sugere-se que seja realizada a leitura completa das obras *Quarto de despejo* e *Tudo nela brilha e queima*.

A oficina é composta por três encontros, que tem duração em média de uma hora cada, contabilizando o total de três horas de oficina. O ideal é que seja aplicada em dias consecutivos para auxiliar na conexão entre os temas propostos.

### **Primeiro dia:** Obra *Quarto de despejo- diário de uma favelada*

Após receber os alunos deve-se apresentar a linha do tempo da escritora Carolina Maria de Jesus, que pode ser impressa em folhas A3 ou projetada em *power point*, conforme os recursos disponibilizados pela instituição.

Imagem 1 – Linha do tempo de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os trechos a seguir foram selecionados pela marcante presença de autobiografia, descrição do modo de vida e de como Carolina pensa a vida. Terá como objetivo ser lido pelos próprios alunos em voz alta.

Quadro 7 – Trechos da obra *Quarto de Despejo - diário de uma favelada* usados na oficina

<p>24 de julho de 1955</p> <p>...Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia:</p> <p>- Está escrevendo, negra fidida! (p. 26)</p>
<p>2 de maio de 1958</p> <p>Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.</p> <p>... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operarios.</p> <p>...Recebi intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doiam tanto que eu não podia andar. Começou chover. Eu ia na Delegacia, ia levar o José Carlos. A intimação era pra ele. O José Carlos está com 9 anos. (p.28)</p>
<p>17 de maio de 1958</p> <p>Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei brigar com meu filho José Carlos sem motivo.</p> <p>... Chegou um caminhão aqui na favela; O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.</p> <p>Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monótono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:</p> <p>- Hum! Tá Gostosa!</p> <p>A Dona Alice deu-me uma parte para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (p. 33)</p>
<p>7 de junho de 1958</p> <p>... Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para a minha mãe:</p> <p>- Porque a senhora não faz eu virar homem?</p> <p>Ela dizia:</p>

- Se você passar por debaixo do arco- iris você vira homem.

Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre se distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chover. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. (p.53)

14 de junho de 1958

... Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo. (...) Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida.

Quero ver como é que vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima.

...Vi uma senhora reclamar que ganhou só ossos no Frigorifico e que os ossos estavam limpos.

- E eu gosto tanto de carne. (p.61)

Fonte: Elaborado pela autora (2021).


Exemplos de questões norteadoras para debate entre/após a leitura dos trechos do livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*.

1. Quais as imagens associadas à escrita?
2. Com quem a escritora conversava? Como se dão esses diálogos?
3. Como a escritora Carolina se vê a si mesma na sua escrita? Que tipo de pessoa ela se revela, qual a imagem de si mesma?
4. Sobre o quê a autora fala? E como ela vê seu cotidiano?
5. Qual a visão sobre a mulher transparece em sua escrita?
6. Como ela se vê diante das dificuldades?
7. Conheciam a obra e/ou a escritora?

No artigo de Elisa Defelippe, intitulado *Deixa eu ver minha linha do tempo? Os usos da linha do tempo em ambientes no ensino de história – um estudo de caso* (2019), ressalta a importância de se ter um exemplo exposto aos alunos para a construção de uma linha do tempo. Além de utilizar a biografia que inspire e coincida com a temática desenvolvida. Assim, os alunos serão convidados para construir a sua própria linha do tempo, com base em acontecimentos que consideram marcantes em sua vida.

Assim, o próximo passo é entregar uma linha do tempo, que pode ser impressa em folhas A4, para que os alunos possam completar com suas histórias.

Imagem 2 – Linha do tempo para construção do aluno



A rectangular box containing a form for student information. At the top left, the text 'Nome:' is followed by a horizontal line of 25 small black dots. A solid horizontal line runs across the middle of the box. At the bottom right, the text 'Turma:' is present.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

### **Segundo dia: Obra *Tudo nela brilha e queima***

No segundo dia, pode-se esperar os alunos com um varal composto por poemas do livro *Tudo nela brilha e queima*. O varal literário é baseado na estrutura presente nas literaturas de Cordel presente no contexto literário brasileiro desde meados do século XIX. Difundida inicialmente pelo escritor Leandro Gomes de Barros, e teve grande aceitação por leitores de camadas mais populares da sociedade. Aumentando o interesse pela leitura, visto que era exposta em locais de grande circulação. E atualmente é utilizada como recurso didático, com objetivo de aumentar a interação dos alunos com os poemas. (LACERDA; NETO, 2010, p. 224-225). Os trechos a seguir foram selecionados a partir das questões abordadas como racismo, relacionamento familiar e autobiografia. Assim, os alunos podem ser convidados a ler os poemas em voz alta.



Quadro 8 – Poemas da obra *Tudo nela brilha e queima* usados na oficina

<p>eu não quero que nossos filhos tenham o seu nariz largo e a sua boca carnuda eu ouvi e concordei em deixar você tentar me moldar em um padrão no qual eu não caberia</p> <p>você até sugeriu que eu usasse um prendedor de roupas no rosto ou que eu guardasse dinheiro pras plásticas que apagariam todos os meus traços de mulher negra uma lembrança tão agressiva que me apavora</p> <p>e tem gente que me pergunta se foi fácil romper silêncios</p>
<p>Minha vó sentou à mesa num natal com seus oitenta e poucos anos e disse que éramos uma família de mulheres poderosas que ninguém podia nos derrubar</p> <p>mas quando eu saía na rua o mundo não parecia concordar</p> <p>eles não sabem que sou feita de revolta e garra que minha mãe cuidou sozinha de duas filhas sem grana nenhuma num bairro afastado e que a herança que trago disso me faz gigante resistente indelével</p>
<p>perdi a conta de quantas vezes fui desencorajada a prosseguir com meus poemas eu me lembro dos telefonemas e das risadas do outro lado da linha</p> <p>é tão covarde quem tenta roubar nossas possibilidades e uma mulher que não se esconde provoca medo</p> <p>eu avisei que a escrita em mim não se esgota eu avisei que duvidava de tudo menos do meu jogo com as palavras eu avisei</p>
<p>agora que percebemos que somos a nossa própria cura perdemos o medo de gritar anos de silenciamento</p>

agora provocam vendavais  
ao lado das minhas estou a salvo

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Questões norteadoras para debate entre/após a leitura dos trechos do livro *Tudo nela Brilha e Queima*

1. Quais as imagens associadas à escrita?
  2. Com quem a escritora conversava? Como se dão esses diálogos?
  3. Como a escritora Ryane se vê a si mesma na sua escrita? Que tipo de pessoa ela se revela, qual a imagem de si mesma?
  4. Sobre o quê a autora fala? E como ela vê seu cotidiano?
  5. Qual a visão sobre a mulher transparece em sua escrita?
  6. Como ela se vê diante das dificuldades?
  7. Conheci a obra e/ou a escritora?
- Após o debate os alunos são convidados a preencher o questionário.

Quadro 9 – Questionário desenvolvido para os alunos

<p>Oficina Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão das memórias às escritas de si</p> <p>Nome:</p> <p>Idade:</p> <p>Turma:</p>	<p>O que essas palavras te lembram? Responda com uma palavra.</p> <p>Vida:</p> <p>Escola:</p> <p>Lar:</p> <p>Infância:</p> <p>Literatura:</p> <p>Passado:</p> <p>Futuro:</p> <p>Família:</p> <p>Amor:</p> <p>Violência:</p> <p>Racismo:</p>
<p>Vamos dividir nossas memórias e sonhos? Minha infância foi...</p> <p>O que mais marcou meu passado...</p> <p>O que me fez voltar a estudar?</p> <p>Tenho algum apoio de familiares e amigos para estudar?</p>	<p>O que a educação significa em minha vida...</p> <p>Quais os motivos que me distanciaram da escola...</p> <p>Alguns sonhos e objetivos para o futuro...</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

As questões elaboradas se enquadram dentro da metodologia de questionário. É uma forma de entender o perfil do aluno participante. Além de possibilitar reflexões com a temática pré-definida, tais como: questões familiares, relação com a escola e perspectivas futuras.

Um questionário deve obedecer algumas regras básicas onde o principal é que possua uma lógica interna na representação exata dos objetivos e na estrutura de aplicação, tabulação e interpretação. A primeira parte do questionário exige a identificação de quem faz a pesquisa: nome da empresa, entrevistador, crítico, supervisor, para compor o controle de dados, bem como o seu número (em geral questionários são numerados). Em seguida se exige a identificação do entrevistado com nome. Endereço, sexo, faixa etária, profissão etc. (dependendo dos objetivos do estudo). Quase sempre são colocados “filtros” eliminatórios nos questionários. São chamados “filtros” aquelas questões que selecionam o universo a ser pesquisado e organizam os entrevistados segundo características impostas pelo estudo (MANZATO; SANTOS, 2012, p. 10).

### **Terceiro dia: Encerramento**

A sugestão é que haja um debate sobre o que foi trabalhado nos dias anteriores, a fim de retomar a ideia central da oficina.

Após, deve ser realizada a leitura de uma carta poética de autoria de Ryane Leão e destinada para si, que foi divulgada em suas mídias sociais.

Um exemplo para demonstrar aos alunos da estrutura foi a escolha, ressaltando sempre aos alunos que o modo de sua escrita não será analisado e toda participação se faz importante.

Querida Ryane,  
 Antes de mais nada, quero te dizer obrigada.  
 Obrigada por ser feita de fogo e coragem.  
 Obrigada por já ter sido muitas para que eu pudesse ser agora.  
 Obrigada por ter desabilitado a culpa e por ter se escolhido inúmeras vezes seguidas.  
 Obrigada por entender que você foi e é o suficiente.  
 Depois quero te contar algo. Você conseguiu.  
 Você conseguiu ser poesia quando a palavra era tudo o que você tinha.  
 Você conseguiu ser sua casa quando, sozinha, seu corpo se reconheceu império.  
 Você conseguiu sorrir para o tempo e respeitar os seus processos e quem você está se tornando.  
 Você sonhou grande para caminhar na imensidão.  
 Continue  
 Continue se permitindo, se reencontrar consigo mesma após as quedas livres da vida  
 Continue brilhando porque você ilumina mundos  
 Continue se curando  
 Continue magnífica  
 Continue inventando, acolhida  
 Continue

A partir da carta os alunos foram convidados para produzir a sua, para seu eu do passado, presente ou futuro.

## 6.1 Marketing e oficina

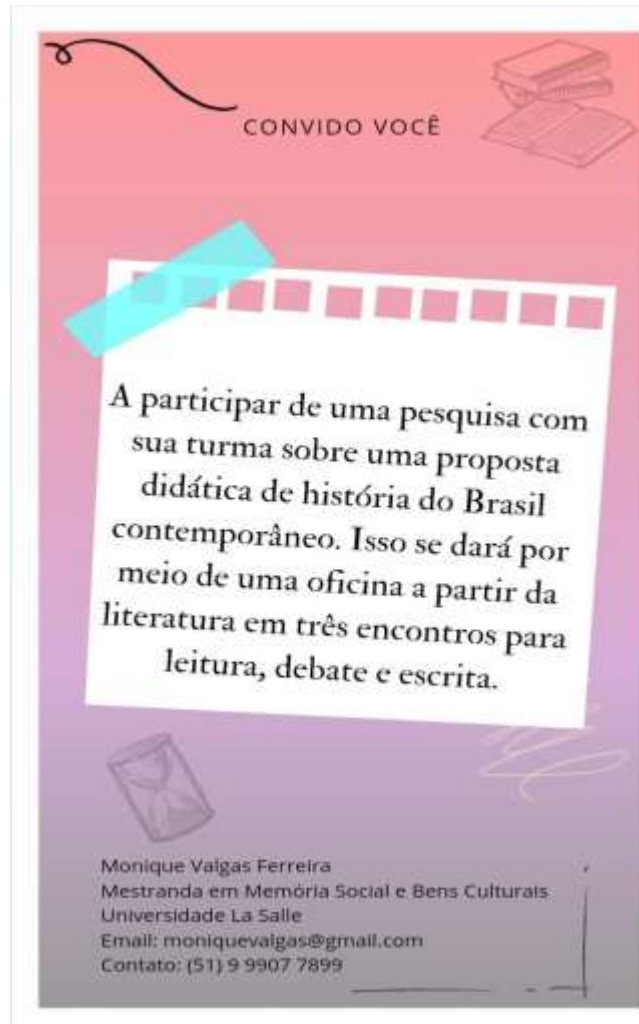
O marketing é de suma importância para o desenvolvimento da oficina *Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão: das memórias às escritas de si*, visto que o marketing não é utilizado somente para venda, mas para atender a uma demanda. A construção da oficina foi baseada nos dados obtidos através do formulário aplicado aos profissionais da educação. De acordo com alguns princípios gerais no marketing o que se busca é atender a necessidade do cliente e não focar necessariamente na venda e no resultado. Isso harmoniza com a pesquisa, o plano inicialmente foi a construção de um panfleto de divulgação. E seu envio foi para os contatos da pesquisadora através do aplicativo de *WhatsApp*, a maioria desses contatos se tratavam de pessoas que já tinham algum conhecimento acerca da pesquisa e que possuem alguns contatos, ou trabalham em escolas públicas e privadas.

Os princípios gerais do marketing se aplicam à pesquisa, pois o fundamento geral nem sempre envolve o lucro financeiro, mas sim o objetivo geral da pesquisa. Segundo Kotler (2012, p. 1)

O marketing está por toda parte. Formal ou informalmente, pessoas e organizações se envolvem em inúmeras atividades as quais podemos chamar de marketing. Nos dias atuais, um bom marketing, no sentido de abrangente e cumpridor do seu papel, pode ser considerado fundamental para o sucesso de qualquer tipo de ação.

Assim, foi desenvolvido um panfleto digital na plataforma *Canva* a fim de ser divulgado para os contatos pessoais da pesquisadora e foi pedido para que compartilhassem em suas mídias sociais. Desse modo, a partir do primeiro contato de um interessado foi pedido que divulgassem para outras escolas.

Imagem 3 – Convite virtual para participar da oficina



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A divulgação obteve uma espécie de rede de contatos com mais de dez escolas interessadas na temática da pesquisa. Decorrentes do primeiro contato, houve dúvidas frequentes, tais como: a faixa etária a qual estava destinada a oficina, sobre a necessidade de algum conhecimento prévio sobre as obras por parte dos participantes e a gratuidade da oficina. Além de que duas escolas estavam interessadas em uma oficina destinada aos professores. Com intuito de visar à qualidade da oficina e de sua análise, contando com o tempo hábil além dos desafios ocasionados pela pandemia de *Covid - 19* quanto à restrição de eventos presenciais. Foi definido que só ocorreria em uma escola. Após conversas com essas escolas e haver o recorte destinado ao público do ensino do EJA, foi definido que ocorreria em três dias consecutivos no turno noturno na escola EMEF Senador Salgado Filho, no município de Novo Hamburgo/RS. Devido à pandemia da *Covid - 19* os alunos estavam com aulas na modalidade

remoto, a partir do decreto emitido pelo governador os alunos poderiam voltar às aulas de modo totalmente presencial, porém como relatado pela escola, muitos alunos não haviam retornado.

## **7 OFICINA: EXPERIÊNCIA E ESCRITAS**

A narrativa a seguir está escrita em primeira pessoa do singular, visto que se trata de uma narrativa da experiência vivida pela pesquisadora em relação à aplicação do produto final dessa pesquisa.

Novo Hamburgo, 22 de novembro de 2021.

Cheguei na escola EMEF Senador Salgado Filho, por volta das 19 horas, conforme combinado. Encontrei a orientadora Ângela, que havíamos feito contato somente de modo virtual. Fui apresentada aos professores que estavam na sala de reuniões, conheci os prédios da instituição e o local onde estão sendo construídas as novas salas. Após, fui direcionada para a sala que iria ocorrer a oficina e enquanto aguardava os alunos fixei no quadro a linha de Carolina. Fui avisada para que aguardasse até ter um número considerável de alunos para iniciar, visto que alguns chegam uns minutos atrasados por causa do trabalho ou por estarem jantando no refeitório. Os professores titulares das turmas ficaram localizados no fundo da sala e me ofereceram qualquer ajuda que eu precisasse.

Os alunos foram chegando de forma gradual e escolhendo seus lugares. Eles haviam sido avisados previamente sobre a oficina, então durante as conversas paralelas entre eles, aproveitei para me aproximar e me apresentar, explicando que iria aguardar mais uns minutos para me apresentar de forma geral e darmos início. Já com um número maior de alunos me apresentei, iniciei com meu nome, a universidade e programa de pós-graduação a qual pertencço além de falar sobre a temática da pesquisa e destacar a importância da participação dos alunos e a problemática historiográfica que invisibiliza muitas pessoas. Dei ênfase no cerne de que não existiria certo ou errado e que o importante seriam as interações que poderiam ocorrer durante a oficina. Além de que poderíamos fazer um ambiente descontraído, podendo contribuir e dialogar a qualquer momento e que a participação deles era de suma importância e agradecei a disponibilidade da escola. Por conseguinte, expliquei o que estava colado no quadro branco, que se tratava da linha do tempo da escritora Carolina Maria de Jesus.

Imagem 4 – Atividade fixada no quadro branco



Fonte: Acervo da autora (2021)

Após a explanação sobre a vida de Carolina, perguntei quem gostaria de ler os trechos que levei, os alunos foram se candidatando espontaneamente e se mantiveram participativos. Ocorreu um diálogo entre cada leitura com a ajuda das questões norteadoras. Houve frases como: “ela escreve muito sobre racismo” e “as mulheres evoluíram muito”. Além de perceberem um sentimento de desprezo e até relacionaram algumas situações com a situação dos indígenas no Brasil.

Ao finalizarmos a leitura dos trechos, foi distribuído as folhas para a criação de sua linha do tempo pessoal. Além de haver o exemplo de linha do tempo da Carolina, alguns alunos comentaram que haviam realizado uma atividade semelhante durante uma aula de História, logo eles já estavam familiarizados com a proposta. Alguns pediram ajuda para dar início, sugeri que fosse pela data de nascimento, sugestão que acharam engraçada, pois alguns alunos não queriam que os colegas descobrissem sua idade.

Dois professores titulares das turmas estavam ajudando os alunos, notei que alguns estavam receosos quanto a suas escritas. Assim, continuei a ressaltar que a norma culta não era o foco da atividade e sim as experiências e participação. Houve a indagação se o que estavam escrevendo seria lido em voz alta para os colegas, quando respondi que não eles ficaram mais



tranquilos, pois não queriam se sentir expostos. Enquanto andava pela sala conheci o aluno M., ele não sabia o que colocar em sua linha do tempo, perguntei se havia acontecido algo relevante em sua vida que gostaria de compartilhar, ele respondeu:

- Já passei muito trabalho, tem coisas que não quero lembrar.

O colega ao seu lado deu a sugestão de colocar o nome da filha de M., e assim o ajudou, pois M. ainda está no processo de alfabetização.

Imagem 5- Linha do tempo do aluno M.

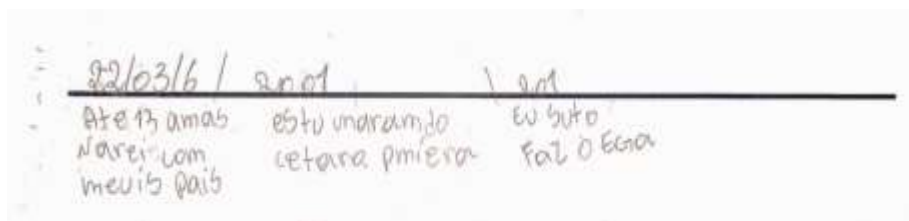


Fonte: Acervo da autora (2021)

Muitos alunos estavam com esse mesmo receio por estarem no processo de alfabetização, assim estavam contribuindo com o trabalho dos colegas, percebi que é um hábito durante as atividades.

Percebi que outro aluno estava copiando a linha do tempo de seu caderno, ele justificou num tom descontraído que ele é a mesma pessoa. Fiquei andando pela sala a fim de interagir com a maior quantidade de alunos e auxiliar nas possíveis dúvidas. Assim, conheci a aluna D., ela não sabia o que escrever sobre si e a colega sentada ao seu lado estava dando diversas sugestões, mas em um tom de grande conhecimento dos fatos. Indaguei se eram parentes, descobri que a colega de classe de D. era sua sogra e moravam na mesma residência. Com as sugestões de sua sogra, D. realizou a atividade.

Imagem 6- Linha do tempo da aluna D.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Todos ao final da noite devolveram as atividades, fizeram comentários positivos sobre a noite.

Novo Hamburgo, 23 de novembro de 2021.

Na segunda noite repeti meu nome no início, pois percebi que alguns alunos não estavam na aula anterior, logo não nos conhecíamos ainda. Perguntei se alguém gostaria de comentar qual havia sido a temática da noite anterior, quem era a escritora Carolina, assim se sucedeu um breve diálogo de retomada. Após, falei um breve resumo de vida da escritora Ryane Leão, protagonista da noite, apresentei as duas obras físicas da autora. Perguntei quais alunos gostariam de ler os poemas que estavam fixados no quadro e a dinâmica de participação ficou semelhante à noite anterior.

Imagem 7- Varal literário da obra *Tudo nela brilha e queima*



Fonte: Acervo da autora (2021)

Os alunos pareciam menos tímidos comparado à noite anterior. A cada poema surgiram alguns comentários: “essa escritora também fala de racismo”, “ela está escrevendo para ela e outras mulheres”

Após a leitura e debate, foi entregue aos alunos os questionários e fizemos uma leitura juntos das questões. Eles pareciam menos hesitantes que no dia anterior, pois iniciaram a atividade rapidamente e nessa noite não houve participação dos professores titulares. Ao me deslocar pela sala e interagir com os alunos, cheguei à classe da aluna Me., perguntei como estava indo o desenvolvimento, ela foi bem ríspida em sua resposta, disse que eram perguntas muito pessoais e que não iria fazer a atividade. Respondi que estava tudo bem, que ela era livre para realizar as atividades ou não, como desejasse e que estava disponível para ajudar caso mudasse de ideia. Continuei a andar pela sala interagindo com outros alunos, alguns minutos depois Me. me chama e pergunta se poderíamos conversar fora da sala de aula e assim fizemos.

Ela me pediu desculpas por ter falado daquele modo e que agiu assim porque uma pessoa de sua família havia feito “coisas ruins” a ela, e não queria falar sobre isso. Com os olhos cheios de lágrimas nos abraçamos. Eu disse que muitas vezes a escrita e a arte poderiam ser ferramentas para nos expressarmos e que eu sentia muito por tudo que aconteceu. Retornamos para a sala e ela participou da atividade.

Imagem 8 – Relato da aluna Me.

• Minha infância foi...

Pois prefiro não dizer por motivos pessoais e também íntimos, mais foi dolorosa e marcante até hoje dói o que aconteceu, muitas pessoas se mostram boas mais não são.

Fonte: Acervo da autora (2021).

“Pois prefiro não dizer por motivos pessoais e também íntimos, mais foi dolorosa e marcante até hoje dói o que aconteceu, muitas pessoas se mostram boas mais não são”.

Outra aluna que chamou-me atenção foi I. é uma aluna bem ativa e participativa em aula, algumas de suas falas se referem ao marido e que ela só conseguiu retomar os estudos depois de ficar viúva. Porém sempre retratando o quanto adora a escola.

Imagem 9 – Relato da aluna I.

O que me fez voltar a estudar?

Sempre queria voltar a estudar, mas quando vim morar, pra NH. fui logo trabalhar, pra ajudar em casa, Pais nós eramos em muitos, ainda de menores, de idade. Agora estou aposentada, ai pensei agora e a hora, é muito prazer escola e professores, estou aqui.

Fonte: Acervo da autora (2021).

“Sempre queria voltar a estudar, mas quando vim morar, pra N.H. fui logo trabalhar, pra ajudar em casa, pois nós eramos em muitos, ainda de menores, de idade. Agora estou aposentada, ai pensei agora e a hora. E muito prazer escola e professores, estou aqui”.

Ao me deslocar pela sala e pelos grupos percebi que alguns alunos tinham mais facilidade em conversar sobre assuntos do que escrever. Uma aluna estava com dificuldade para escrever e conversando ela disse que tinha sofrido racismo algumas vezes, eu disse que ela poderia escrever sobre tudo que havíamos conversado, ela disse que era uma boa ideia.

Nesse segundo dia M. estava presente, falei com ele algumas vezes na tentativa de incentivar a escrever algo, mas ao final me entregou as folhas em branco, nem seu nome havia escrito.

Novo Hamburgo, 22 de novembro de 2021.

Noite de quarta-feira, percebi alguns alunos que eu não tinha visto nas aulas anteriores, então me apresentei a eles, além de notar a ausência do aluno M. Um aluno se candidatou para ler a carta em voz alta.

Assim que terminou a leitura começaram os comentários tais como: “a atividade de hoje é mais fácil”, “hoje vamos falar de coisas boas”.

Foi uma noite diferente, silenciosa, comparada às outras duas noites, não houve praticamente nenhuma interação durante a produção da carta.

e ficaram bem ansiosos para começar a escrever e pareceram mais felizes em realizar essa escrita.

Imagem 10 – Lousa interativa



Fonte: Acervo da autora (2021).

Andei pela sala, houve menos interação, pois eles pareciam mais concentrados nessa noite.

Imagem 11 – Alunos produzindo suas cartas



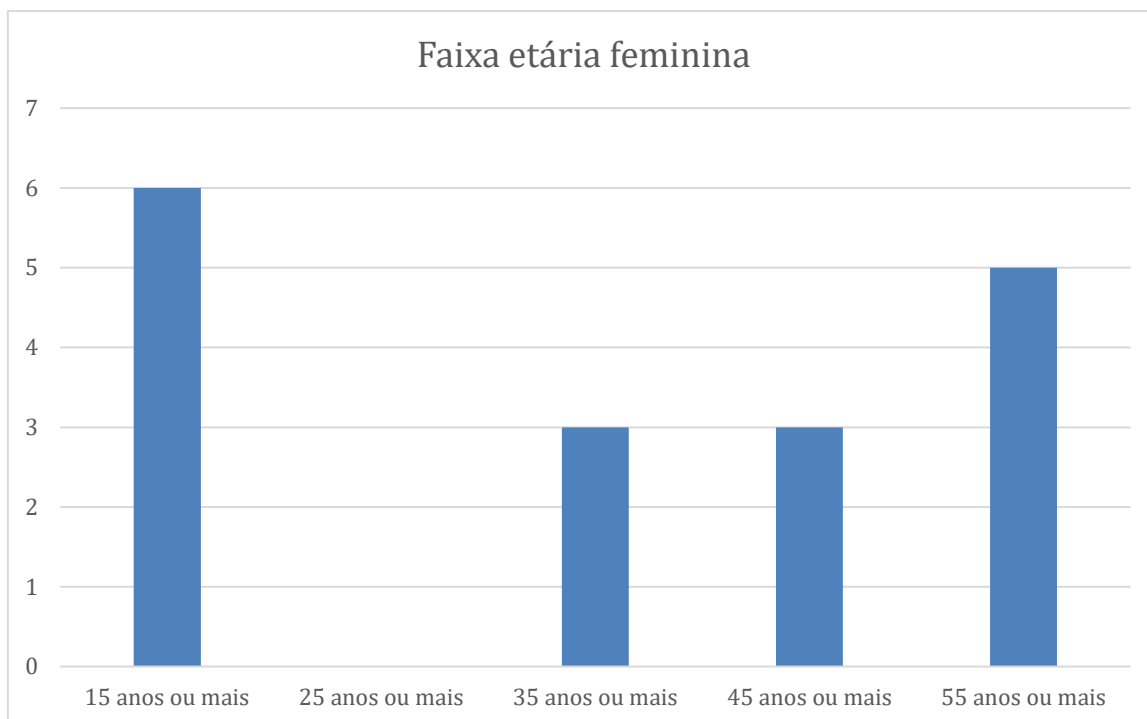
Fonte: Acervo da autora (2021)

Após o término das cartas, fiz uma fala de encerramento agradei pela acolhida e por toda a participação dos alunos e alunas, assim me despedi e recebi muitos comentários positivos sobre a oficina. Ao sair da sala me deparo com o aluno M. sentado em um banco. Dei boa noite e indaguei o porquê de ele não entrar em sala. M. me respondeu que havia chegado atrasado e não quis atrapalhar. Eu disse que havia sentido sua falta. Ele prometeu que se eu voltasse no próximo ano participaria de todos os dias. Me despedi e concordei que em outra oportunidade nos reencontraremos.

### **7.1 Adentro a escrita literária**

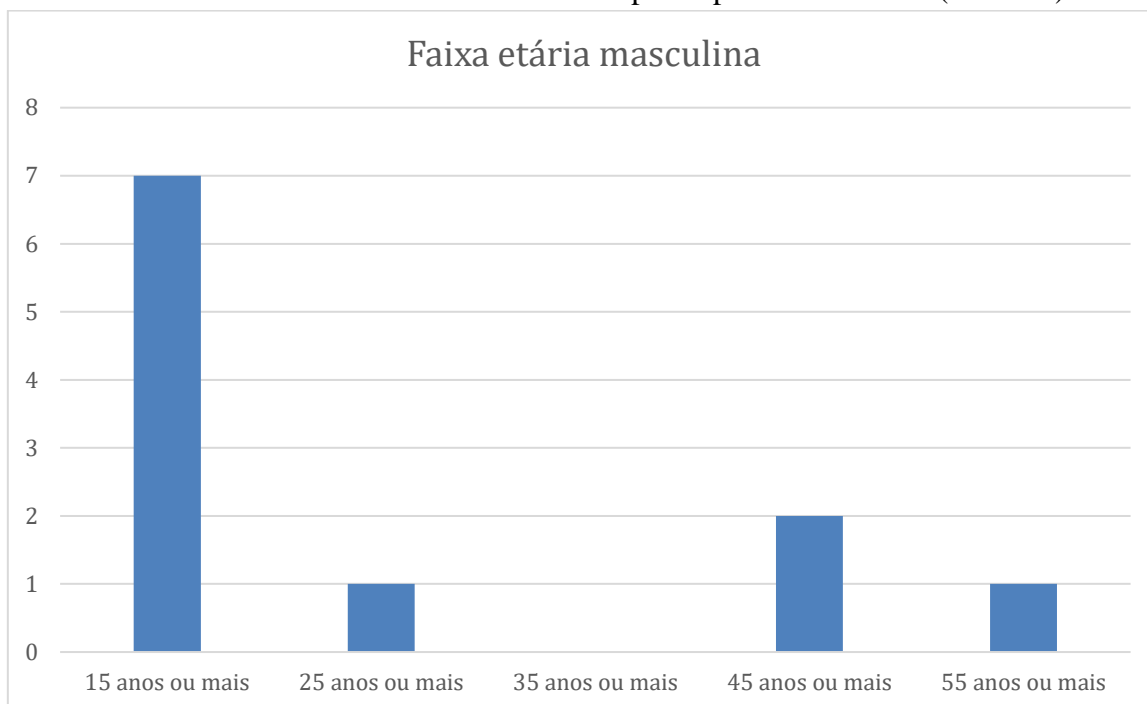
A seguir nos gráficos 11 e 12 apresenta-se a faixa etária dos participantes da oficina.

Gráfico 11 – Faixa etária dos participantes da oficina (mulheres)



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Gráfico 12 – Faixa etária dos alunos participantes da oficina (Homens)



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Para compreender o âmbito social que se enquadra os alunos e alunas da EMEF Senador Salgado Filho, é necessário contextualizar dados estatísticos educacionais. Segundo estatísticas

do IBGE em 2020, havia 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetos, o equivalente a uma taxa de 6,6% em relação à população brasileira.

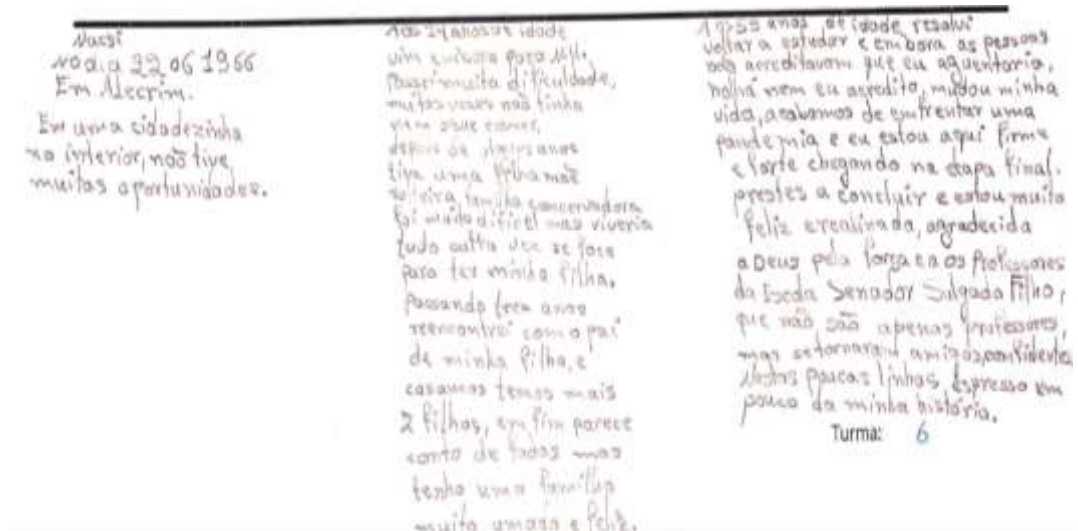
De acordo com o IBGE (2020), um dos motivos mais recorrentes para o abandono da escola é a necessidade de trabalhar. Em relação às mulheres o quadro é mais alarmante, e estão entre os fatores principais o trabalho, a maternidade e afazeres domésticos. Assim a pesquisa se encaixa em diversos padrões dentro das estatísticas. Analisar através de números relembra a teoria de Candau (2019) ao que ele se refere a retórica holista, Candau em sua obra *Memória e Identidade* exemplifica:

Entendo por “retóricas holistas” o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como *outra coisa* que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos. (CANDAUI, 2019, p. 29).

As estatísticas são de suma importância para compreender um quadro geral e regional brasileiro, além de inferir sobre as nuances de memória. Assim, as narrativas desenvolvidas na oficina pelos alunos e alunas é uma forma de abordar problemas sociais além de ampliar a visão acerca das narrativas sociais diferentes, usando outros protagonistas e dar espaço para que esses próprios sujeitos contem como esses resultados estatísticos acontecem na prática através de suas histórias e experiências. Além de que no Brasil em 2020, segundo o INEP, cerca de 3 milhões de estudantes estavam matriculados no EJA. A faixa etária dos participantes

A linha do tempo é uma forma de auxiliar na construção de uma narrativa colocando-o em ordem temporal. Candau relaciona a diferença entre a memória humana e a dos computadores. O processo de memória acontece relacionado ao presente sendo “a memória humana é representativa” (2019, p.62). Utilizar trechos dos livros de Carolina e o debate em grupo podem ser considerados gatilhos que inspiraram parte da construção dos fragmentos de textos autobiográficos e recortes feitos na construção da linha do tempo da aluna C. de 55 relata:

Imagem 12 – Linha do tempo da aluna C



Fonte: Acervo da autora (2021).

“Aos 14 anos de idade vim embora para N.H. passei muita dificuldade, muitas vezes não tinha nem o que comer, depois de alguns anos tive uma filha mãe solteira família conservadora foi muito difícil mas viveria tudo outra vez se fosse para ter minha filha”.

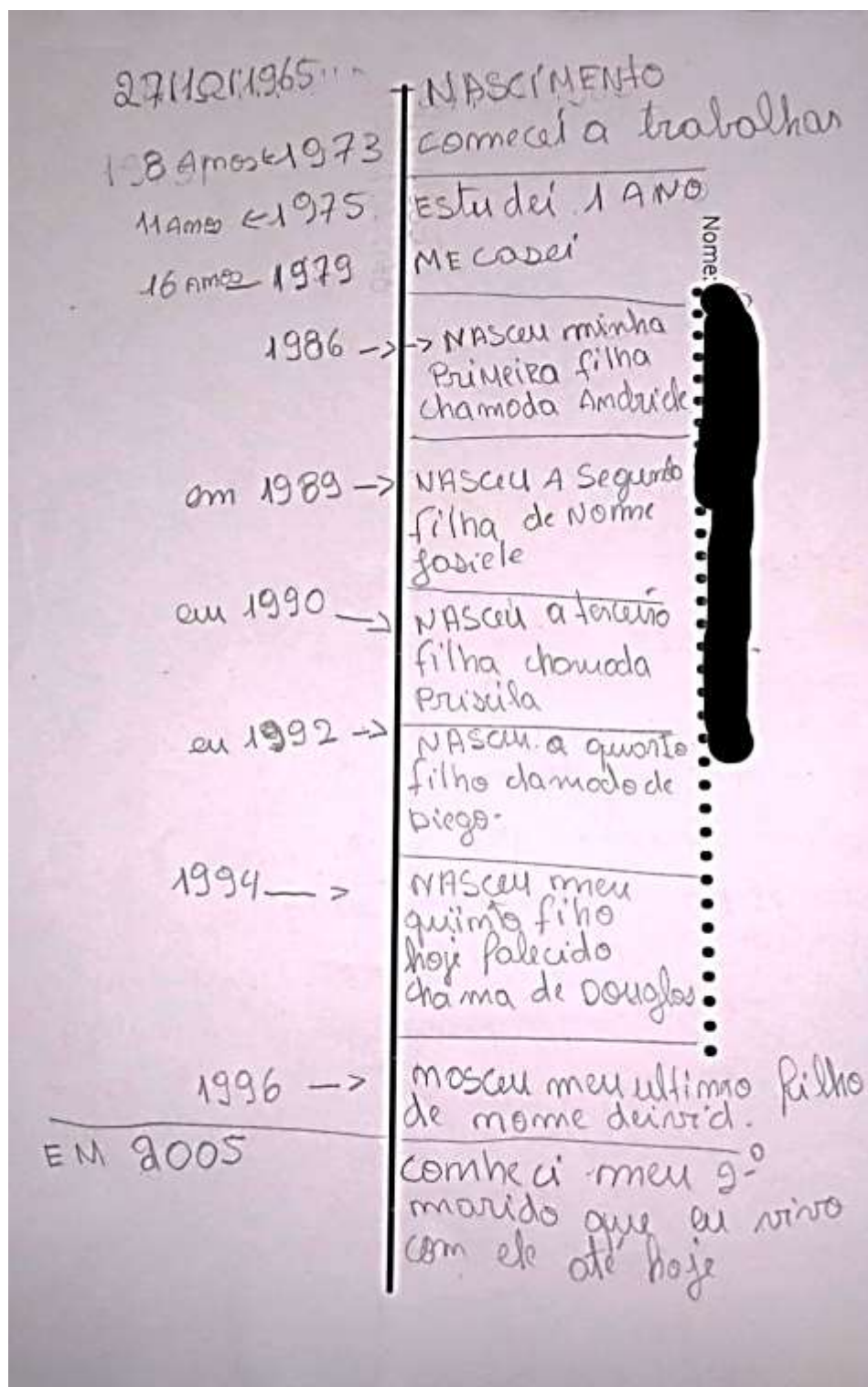
A incumbência e responsabilidades maternas recaem especialmente sobre a mulher, ainda mais na adolescência. As questões relacionadas com a maternidade e paternidade são muito debatidas dentro das teorias feministas acerca do papel da mulher ser diferente do homem e as consequências que isso atrelam. Assim, Bell Hooks em sua obra *Teoria Feminista da margem ao centro*, diz:

“Os homens só dividirão a parentalidade de maneira equitativa quando forem ensinados, de preferência desde a infância, que a paternidade é tão importante quanto a maternidade, que ambos possuem o mesmo significado” (HOOKS, 2020, p. 200).

A questão da maternidade está presente na narrativa de outra aluna que iremos chamar de L.



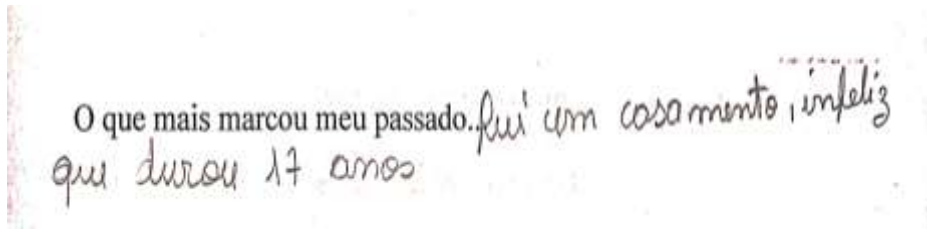
Imagem 13 – Linha do tempo da aluna L



Fonte: Acervo da autora (2021)

Além de seu relato no segundo dia de oficina acerca de seu primeiro casamento.

Imagem 14 – Relato da aluna L

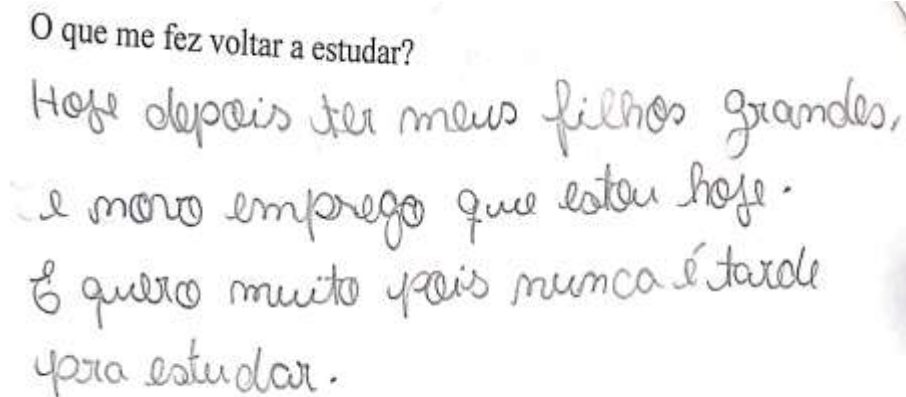


O que mais marcou meu passado. fui um casamento, infeliz que durou 17 anos

Fonte: Acervo da autora (2021).

Segundo Candau (2019) a memória tem a função de mostrar quem somos, nossa identidade e também para onde iremos “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas.” (p.59, 60). Assim F., ao relatar sobre seu passado é possibilitar um futuro diferente.

Imagem 15 – Relato da aluna F



O que me fez voltar a estudar?  
 Hoje depois ter meus filhos grandes,  
 e moro emprego que estou hoje.  
 E quero muito pois nunca é tarde  
 para estudar.

Fonte: Acervo da autora (2021).

A dificuldade econômica familiar também é um dos principais protagonistas das narrativas. Nesse sentido, é de suma importância compreender do que se trata a inserção das mulheres no ambiente de trabalho, visto que grande parte das mulheres participantes da oficina realizaram trabalho infantil, o que reafirma a importância da literatura acerca dos movimentos feministas ter um recorte interseccional. Segundo Hooks, o acesso ao trabalho pelas mulheres que por muitos anos foi protagonista dos movimentos sociais com um viés de classe burguês e com recorte nas mulheres brancas.

“Quando essas mulheres falavam de trabalho, elas estavam se referindo a carreiras bem-remuneradas, não aos empregos de baixa remuneração, os chamados trabalhos ‘subalternos’”. (HOOKS, 2020, p. 147).

Imagem 16 – Relato da aluna R., 24 anos

Quais os motivos que me distanciaram da escola...

Porque eu comecei a trabalhar e abandonei os estudos

Fonte: Acervo da autora (2021).

Imagem 17 – Relato da aluna Mc., 41 anos.

Quais os motivos que me distanciaram da escola...

Meu pai me tirou da escola para trabalhar aos 12 anos.

Fonte: Acervo da autora (2021).

Imagem 18 – Relato da aluna J, 48 anos.

O que mais marcou meu passado... Foi começar a trabalhar muito cedo comecei a trabalhar com 8 anos

Fonte: Acervo da autora (2021).

Outro aspecto a se destacar é a questão da memória familiar, algumas narrativas a apresentavam através de algum acontecimento específico, ou um dos motivos de retomar os estudos com objetivo de dar orgulho à família. Essas narrativas apresentam aspectos de identidade e na tentativa de se manterem perto das raízes. A reapropriação do passado é a possibilidade do sujeito fazer sua própria narrativa.

Assim, é passível de compreensão a reação da aluna Me. ao ler perguntas sobre seu passado e o quão traumático é a memória de experienciar um abuso.

Imagem 19 – Carta da aluna Me, 16 anos

Querida [redacted], obrigada por se manter viva, pois sua infância não foi fácil pois des de que você se tinha uns 4/5 anos ficou sabendo que seu papai não estava mais com sua mamãe guerreira pois havia traído com sua tia, pois sua infância foi dura, pois ficou orfão aos pais bigalém, até você partir com sua mãe e irmã para a cidade depois de um tempo você quase foi vítima de um homem ruim que era seu padrasto, pois mãe se pensou tanto tempo e você voltou a morar em cidade de noje, pois mãe deu muito tempo e seu tio havia feito algo ruim com você, mas toda criança tem uma alta defesa no cérebro que bloqueia por um tempo tudo isso, até seu pai vir acurar minha mãe sobre muitas coisas que mãe era verdade, ele falou sobre seu ex padasto, da mãe sabia disso ainda, pois veio perguntar a você, e sua memória toda voltou, pois isso começou a te afetar até hoje, ainda dá lembranças tudo isso. Mas ainda aguenta e tá de cabeça erguida e tentando realizar seus sonhos e metas.

Fonte: Acervo da autora (2021).

Há também narrativas que falam de trauma, essas em algumas vezes, segundo Candau (2019) podem ser “lembranças que não se ousa confessar aos outros e, sobretudo a si próprio” (p. 64). Isso também pode ser relacionado ao aluno M. que escolheu não participar da oficina e na situação da aluna I. que falou durante a atividade algumas questões relacionadas à possibilidade de retornar aos estudos somente depois do falecimento do marido, porém em suas escritas não havia tanta ênfase nessa situação.

## Vamos dividir nossas memórias e sonhos?

• Minha infância foi... Ótima brincava muito, nos dez de criança, nós tínhamos tarefa, pra fazer, e era uma família muito unida, com 10 filhos e o Pai e a mãe, nos iam na roça dez de pequenos, aquele que já era grandinho já ajudava o Pai na lavoura, todos nos tínhamos uma enxadinha, para capinar, e bota pra ir na lavoura, o Pai fez pra cidade e comprou, um par de bota pra cada um de nos, por que era muito frio no inverno

### O que mais marcou meu passado...

O que marcou na vida passada foi muita dificuldade pra ter roupa bonita, calcado de uma sandália feita que fazer, um chinelo quando arrebentava a parte de trás, isso me deixava muito triste, por que não dava pra comprar outra sandália.

Aluna I. 64 anos.

Conforme Gagnebin, em sua obra *Lembrar escrever esquecer* (2009), as questões de traumas são inesquecíveis, e há a tentativa de elaborar simbolicamente. E a escrita é uma das ferramentas da humanidade sendo um dos rastros mais duradouros, o que deve ser analisado pelo pesquisador é a subjetividade por trás da escrita.

### Vamos dividir nossas memórias e sonhos?

• Minha infância foi...bastante triste, pra falar a verdade nem gosto de falar. Tive muitos problemas com meu pai, pois era alcoólatra e acabou tirando a própria vida aos 37 anos. E neste tempo tinha 15 anos e perdi meu pai, e tive que assumir a casa. Ajudei minha mãe e aprendi a ser chefe de casa, resumindo muito trabalho e tristeza, mas graças a Deus creçamos ali aqui.

### O que mais marcou meu passado...

A morte do meu pai, e da minha tia, e do meu filho recém nascido.

Aluna Mc., 41 anos, traz em sua escrita os desafios que enfrentou em ter o pai alcoólatra na adolescência.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tem como intuito dar espaço a vozes de pessoas invisibilizadas pela sociedade, principalmente as mulheres. Não é excluir os homens da narrativa, o que entra em conformidade com o pensamento de Bell Hooks, que para existir uma mudança social é necessária uma nova construção de narrativas e não na exclusão do outro, não é uma disputa de poder, mas sim uma busca de representação. É ouvir quem está à margem como questões sociais, culturais e econômicas têm um reflexo e caráter decisivo em suas vidas.

É notório a relevância de utilizar as artes em especial a literatura como ferramenta de ensino, visto que aproxima os alunos e alunas junto às narrativas e experiências relatadas nas obras. As escritas dos alunos trazem muito além de um relato, mas aspectos que os moldam e caracterizam toda uma classe social. Assim, como para a sociedade economicamente através do trabalho essas pessoas eram essenciais, eis a indagação de porque elas também não podem ocupar lugares de destaque e prestígio?

Ryane Leão em um de seus poemas da obra *Tudo nela brilha e queima* (2017), diz “perdi a conta de quantas vezes fui desencorajada a prosseguir com meus poemas” o que seria da literatura negra brasileira se Ryane tivesse desistido de se tornar escritora? Há muitas mulheres no Brasil hoje que a veem como inspiração. Além de que nos debates e nas escritas pode -se reconhecer a importância da literatura, o que ajudou os alunos e alunas a pensarem sobre si mesmos, analisarem os poemas a partir de seu próprio olhar e assim dividir suas histórias. Se há algo tão único quanto a caligrafia de uma pessoa, são suas narrativas.

A partir das produções de fragmentos autobiográficos pôde-se refletir acerca da problemática que permeia a pesquisa “como é possível trabalhar didaticamente obras literárias que relacionam memória social e escritas de si?”. A problemática proposta trouxe diversos desdobramentos, acerca da importância do uso da literatura a fim de sensibilizar os alunos e alunas e temáticas com cunho social. Além de desafios educacionais que aumentaram após o início da pandemia da *Covid 19*. A resistência ao retorno à modalidade presencial, a falta de um olhar sensível a esse retorno dos alunos que ainda não estavam devidamente vacinados. As pessoas se tornaram números, assim como muitos pesquisadores olham os dados da educação.

Através de dados estatísticos, teorização e narrativa dos alunos percebe-se que a presente pesquisa trata de uma problemática social. Se essas pessoas não possuírem acesso à educação que as valorizem como indivíduos e considerem relevante às suas vivências, com quem irão se identificar? Se uma mulher deseja realizar o sonho de se alfabetizar aos 60 anos, em quem se inspirar? Ela é a única nesse contexto no Brasil? Onde estão outras pessoas que se

encaixam nesse mesmo viés? Onde estão as Carolinas da nossa sociedade, que por motivos diversos não puderam frequentar a escola na faixa etária ideal? Onde estão as Ryanes que têm que enfrentar diversas barreiras por serem mulheres negras? Por que crianças e jovens abdicaram de seus direitos à infância e juventude adequadas? Onde está de fato a representatividade? Há histórias de vida por trás dos números, é meritocracia pensar que essas estatísticas são resultantes somente de uma escolha, mas sim está relacionado a fatores sociais e históricos. E é momento de dar espaço acadêmico a tantas vivências e memórias que representam uma parcela de 6,6% (IBGE, 2020) da sociedade que costumeiramente é marginalizada.

Em um trecho da obra, *Casa de alvenaria (1961)*, de Carolina Maria de Jesus, diz: “falavam que eu tenho sorte, disse-lhes que tenho audácia”. Esse é um dos pontos em comum entre os alunos e as escritoras protagonistas dessa pesquisa, a resistência mesmo diante das estatísticas, é a permanência dos sonhos e de suas audácias. Porém, para os pesquisadores da área das humanidades ao se deparar com anseios e vontade de mudanças há uma ressalva feita por Spivak (2010, p. 15), em sua obra *Pode o subalterno falar?*, diz:

“É principalmente à mulher intelectual que seu apelo final e dirige - a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual”.

Nesse viés é necessário também repensar o papel do historiador acerca das análises em relação à memória, visto que por se tratar de uma ciência que possui suas subjetividades é imprescindível um olhar mais atento a fim de não reproduzir estereótipos aqui já problematizados. É necessária uma ciência mais empática, historiadores que aceitem as subjetividades de suas pesquisas e abram espaço para o diálogo.

Ao fim dessa pesquisa pode-se notar que há mais indagações que havia em seu início, mas talvez esse seja o começo de uma solução para os problemas sociais atuais, pois toda mudança surge com questionamentos.



## REFERÊNCIAS

- ACCORCI, Aline; CORCINI, Elianara Lima. Trauma/ memórias traumáticas. IN: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia. **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. rev. e ampl. Canoas: La Salle, 2017.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, p. 17-56, 2019.
- ALMEIDA, Taís Ávila de. Memória e esquecimento. IN: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia. **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. rev. e ampl. Canoas: La Salle, 2017.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- AXT, Margareth. Tecnologia na educação, tecnologia para a educação: um texto em construção. Porto Alegre: **Informática na educação: teoria & prática**, nº 1, setembro, 2000.
- BARROSO, Carmen; COSTA, Albertina de Oliveira; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 109- 138.
- BERGAMINI, Atilio. **Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. nº. 59, 2020.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. 2. ed. Porto Alegre: CIRKULA, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 156- 202.
- CANDAU, Joël. Preâmbulo. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!** Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte. C/Arte, 2007.
- CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. Oficinas. **Conceito Glossário**. 2013. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/oficinas/>. Acesso em: 13 mai. 2022.
- CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, p. 120-139.
- DEFELIPPE, Elisa. Deixa eu ver minha linha do tempo? Os usos da linha do tempo em ambientes no ensino de História - um estudo de caso. **ANPUH - BRASIL**, Recife, 2019.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 25-48.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FUNARI, Pedro Paulo. **Os historiadores e a cultura material**. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 81- 110.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. IN: GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: editora Centauro, 1990.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo soc. Vol. 26, n. 1, 2014.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE - **Censo escolar**. Canoas, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**, prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, vol. 1, Osasco.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOTLER, Philip. **Administração do Marketing**. São Paulo: Pearson Edction do Brasil, 2012.

LACERDA, Franciane Gama; NETO, Geraldo Magella de Menezes. Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. **Revista outros tempos**. Vol. 7, n. 10, p. 224-225, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p.121-156.

- LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro. **Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector**: Representações do feminino na literatura brasileira contemporânea. 2017.
- MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP, 2012.
- MATTOS, Marcelo Brandão. **O "lugar de fala" e as "falas do lugar" na enunciação literária**: o dilema pós-colonial. Lit. teor. hist. crit. vol.23 no.1 Bogotá Jan./Jun, 2021.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete transdisciplinaridade. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PASCUTI, Leonardo Moreira. Memória Multidirecional. IN: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia. **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. rev. e ampl. Canoas: La Salle, 2017.
- PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **Perspectivas femininas afro-brasileiras em cadernos negros (contos)**: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves. Rio Grande: Editora da FURG, 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História na sala de aula conceitos, práticas e propostas**. O que e como ensinar. São Paulo: Contexto, p. 17 – 36, 2018.
- PIRES, Marília Freitas de Campos. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 2, n. 2, p. 173-182, 1998.
- POLLAK. M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**. vol. 2, n 3, p. 3-15, 1989.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.
- ROSA, Lúcia Regina Lucas da. Escritas da memória - diário. IN: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia. **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. rev. e ampl. Canoas: La Salle, 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 65-80.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 49-82.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro. Difel, 2009.

VERÍSSIMO, José. **Que é literatura?** E outros escritos. São Paulo: Landy. Livr. Ed. e Distr. Ltda, 2001.